



## Universidades Lusíada

Monte, Ana Carolina dos Santos

### **Virtudes e funcionamento familiar em adultos**

<http://hdl.handle.net/11067/6932>

#### **Metadados**

##### **Data de Publicação**

2022

##### **Resumo**

O objetivo do estudo foi avaliar a relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos. Participaram neste estudo 811 sujeitos (567 do sexo feminino e 242 do sexo masculino), de nacionalidades distintas e com diferentes habilitações literárias. Para a avaliação das virtudes foi utilizada a versão portuguesa do Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS) e, para a avaliação do funcionamento familiar foi utilizada a versão portuguesa ao Systemic Clinical Outcome Routi...

The aim of the study was to evaluate the relationship between the dimensions of virtues and family functioning in adults. 811 subjects participated in this study (567 female and 242 male), from different nationalities and with different educational qualifications. For the assessment of virtues, the Portuguese version of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS) was used, and for the assessment of family functioning, the Portuguese version of the Systemic Clinical Outcome Routine Evalu...

##### **Palavras Chave**

Psicologia, Psicologia clínica, Bem-estar - Aspectos psicológicos - Adultos, Avaliação psicológica - Funcionamento familiar - Funcionamento familiar, Teste psicológico - Values in Action Inventory of Strengths (VIA-72), Teste psicológico - System Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15)

##### **Tipo**

masterThesis

##### **Revisão de Pares**

Não

##### **Coleções**

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T05:57:17Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada  
Porto

# Virtudes e Funcionamento Familiar em Adultos

---

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação  
Universidade Lusíada

PORTO, 2022

---

Ana Carolina dos Santos Monte

---



instituto de psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade Lusíada



Universidade Lusíada  
Porto

# Virtudes e Funcionamento Familiar em Adultos

---

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica**  
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação  
**Universidade Lusíada**

PORTO, 2022

---

**Ana Carolina dos Santos Monte**

---

Trabalho efectuado sob a orientação do/a

**Professor Doutor Paulo Moreira e Professor Doutor Richard Inman**



instituto de psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade Lusíada

## **Agradecimentos**

Com o aproximar do fim desta etapa, sinto a necessidade de reconhecer a todos os que colaboraram, de diferentes modos, para a sua realização e evolução ao longo desta fase, na realização desta dissertação.

Começo por gratificar com bastante admiração o meu orientador Professor Doutor Paulo Moreira, fundamental enquanto professor assim como na orientação e supervisão do processo de redação da dissertação, assim como disponibilidade, profissionalismo e rigor científico. Agradeço também pela forma empática e paciente como me ajudou e orientou no processo de construção da presente investigação.

O maior agradecimento aos meus Pais, por todo o esforço feito para me proporcionarem esta experiência e desafio. Sinto a necessidade de puramente agradecer à minha mãe, por todo o amor e carinho, pela compreensão e transmissão de valores, por acreditar sempre em mim e ser capaz de mover o mundo por mim. A ela, devo tudo, pois tenho consciência que sem ti não seria a pessoa que hoje sou, pois és o meu maior orgulho.

Uma obrigada ao meu namorado, um dos meus pilares na construção deste percurso e em todos os momentos significativos da minha vida, por todo o carinho e palavras de conforto dadas.

A todos os restantes amigos, familiares e profissionais que me acompanharam neste percurso, proporcionando o melhor e maior crescimento pessoal e profissional, um enorme obrigada.

Um enorme obrigada a todos!

## Índice

Enquadramento Teórico .....	7
Virtudes.....	9
Funcionamento Familiar .....	19
Virtudes e Funcionamento Familiar .....	28
Objetivos, Questões e Hipóteses de Investigação.....	32
Método.....	33
Participantes.....	33
Instrumentos.....	35
<i>Values in Action Inventory of Strengths (VIA-72)</i> .....	35
<i>Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15)</i> .....	36
Procedimento .....	37
Recolha de dados.....	37
Análise dos Dados .....	37
Resultados.....	40
Discussão dos Resultados.....	42
Limitações do Estudo.....	49
Referências Bibliográficas.....	51

## **Índice de figuras e tabelas**

Tabela 1 .....	16
Tabela 2 .....	34
Tabela 3 .....	40

## **Acrónimos e Abreviaturas**

**VIA-IS** - Values in Action Inventory of Strengths;

**VIA** - Values in Action;

**SCORE-15** - Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation;

**SPSS** - Statistical Package for the Social Science;

**TCI** - Temperament and Character Inventory;

**AFT** - UK Association for Family Therapy;

**EFTA** - Associação Europeia de Terapia Familiar.

## Resumo

O objetivo do estudo foi avaliar a relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos. Participaram neste estudo 811 sujeitos (567 do sexo feminino e 242 do sexo masculino), de nacionalidades distintas e com diferentes habilitações literárias. Para a avaliação das virtudes foi utilizada a versão portuguesa do *Values in Action Inventory of Strengths* (VIA-IS) e, para a avaliação do funcionamento familiar foi utilizada a versão portuguesa do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE 15). Os questionários supracitados foram distribuídos em papel. Os resultados demonstraram correlações negativas entre todas as virtudes e todas as dimensões do funcionamento familiar. Sendo que o SCORE-15 permite avaliar a disfuncionalidade do funcionamento familiar, as correlações negativas encontradas, mostram que as virtudes estão negativamente relacionadas com as dificuldades familiares.

*Palavras-Chave:* Virtudes; Auto-Controlo; Cuidado; Curiosidade; Funcionamento Familiar; SCORE – 15.



## **Abstract**

The aim of the study was to evaluate the relationship between the dimensions of virtues and family functioning in adults. 811 subjects participated in this study (567 female and 242 male), from different nationalities and with different educational qualifications. For the assessment of virtues, the Portuguese version of the Values in Action Inventory of Strengths (VIA-IS) was used, and for the assessment of family functioning, the Portuguese version of the Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE 15) was used. The questionnaires were distributed on paper. The results showed negative correlations between all virtues and all dimensions of family functioning. Since the SCORE-15 allows assessing the dysfunctionality of family functioning, the negative correlations found show that the virtues are negatively related to family difficulties.

*Keywords:* Virtues; Self-Control; Caution; Curiosity; Family Functioning; SCORE – 15;

## **Enquadramento Teórico**

Na área da Psicologia, emergiu um novo modelo de investigação, onde houve uma transformação pensamento – do negativo para o positivo. Neste seguimento, os sentimentos e emoções são fundamentais no modo como os indivíduos respondem às diferentes situações.

A Psicologia Positiva destaca-se pelo rigor, ciência e fundamentação na evidência empírica, promovendo a qualidade de vida assim como, o bem-estar pessoal. Com o decorrer dos anos, esta ciência é distinguida a dois níveis – comportamental e social (Nunes, 2007).

Nesta linha de pensamento e, de acordo com um novo paradigma epistemológico, a psicologia positiva definiu como objetivo primordial de estudo da psicologia o desempenho saudável e adaptativo do ser humano, de acordo com os traços psicológicos e vivências positivas assim como, empatia, esperança, resiliência, otimismo, bem-estar, felicidade, gratidão, satisfação, entre outros (Nunes, 2007).

Ao longo dos anos, um dos grandes objetivos da psicologia positiva passa por fortalecer os aspetos positivos, em lugar de se retificar os pontos fracos sendo que, Allport (1958), notava a importância das características positivas no ser humano. Um pouco mais tarde, Maslow (1968), colocou em cerne a investigação sobre o indivíduo saudável. Relativamente à intervenção, a psicologia positiva de acordo com Seligman e Csikszentmihalyi (2000), não se cinge apenas em tratar o que está estragado, mas também tomar conta de algo ou alguém e promover o que de melhor existe.

Em janeiro de 2000, os autores referidos anteriormente afirmam que, “a psicologia não está a produzir suficiente conhecimento sobre o que faz a vida valer a pena”. Neste sentido, de modo que se promova as habilidades da psicologia, é necessário que exista um crescimento da prática de uma existência mais holística.

De modo a se terminar com o viés negativo sobre o desenvolvimento humano, na década de XX, emergiu a Psicologia Positiva, segundo a Psicologia Humanista, resultando numa maior capacidade em identificar padrões e transformar no lado positivo do ser humano. Neste seguimento, a psicologia começou a colocar o seu interesse em experiências vistas como positivas e nos traços psicológicos – empatia, resiliência, esperança, gratidão, felicidade, bem-estar, satisfação e otimismo. Para Seligman, é fundamental centrar a atenção nesta mudança de paradigma, acreditando que a psicologia deve estudar as características positivas do sujeito, sem colocar de parte o objeto de estudo e o tratamento, focando-se na melhoria da qualidade de vida.

Seligman (1998) – aproximadamente 30 anos depois da Segunda Revolução da Saúde – denota que a prática da psicologia está inacabada, sendo que a prática tradicional da psicologia clínica opera, particularmente, na ideia de transformar o estado mental do doente de negativo para normal. Posteriormente, alega que não é apenas necessário alterar o estado debilitado do doente e ficar somente no estado zero – normal (Wallis, 2005).

Posteriormente, houve uma verdadeira mudança no modo de se perceber a psicologia assim como na investigação da Felicidade, o Otimismo, as Emoções Positivas e os Traços de Personalidade (Nunes, 2007).

Com o decorrer dos anos e da investigação, a literatura tem-se baseado em diferentes termos – felicidade, satisfação com a vida e moral. Neste seguimento, denota-se uma multidimensionalidade do bem-estar subjetivo em duas dimensões: cognitiva e afetiva. A componente afetiva destaca dois fatores distintos: afetividade negativa e positiva.

A afetividade negativa refere-se à tendência em vivenciar emoções e sentimentos agressivos ou desagradáveis. Contrariamente, a afetividade positiva diz respeito à disposição em vivenciar emoções e sentimentos bons e confortáveis. Neste sentido, elevados níveis de afeto negativo são representados por tristeza e letargia, enquanto elevado nível de afeto positivo denota-se através de um estado de satisfação, concentração e energia (Nunes, 2007).

Giacconi (2002), referindo Tellegen (1985), estes fatores retratam características do estado afetivo que se relacionam com circunstâncias de traços emocionais positivos ou negativos.

De acordo com Kristjánsson (2013), a psicologia positiva encontra-se interligada com os conceitos de bem-estar, virtudes, forças e felicidade, sendo conceitos fundamentais da Teoria da Psicologia Positiva.

A Psicologia Positiva e as virtudes podem ser relacionadas através de diversas áreas, tais como: o caráter saudável, bem-estar da comunidade, promoção da saúde e uma boa vida. (Sandage & Hill, 2001).

Portanto, para os psicólogos positivos, uma vida boa é uma vida feliz (Kristjánsson, 2013).

Sendo assim, desejo, de algum modo, colaborar para o conhecimento de uma compreensão mais completa e holística sobre virtudes, bem como verificar se existe uma relação entre as virtudes e o funcionamento familiar na população adulta.

## **Virtudes**

Como foi relatado até então, a psicologia positiva passa por auxiliar o sujeito a atingir o seu potencial máximo e prevenir patologias, com auxílio aos seus traços positivos (Seligman, 2003; Serrano, 2017).

Seligman & Csikszentmihalyi (2020), afirmam que um dos principais objetivos da psicologia positiva é desenvolver a nossa compreensão dos traços de personalidade positivos e como eles ajudam na promoção da saúde, do bem-estar e do funcionamento positivo no geral (*cit.* Moreira, Inman & Cloninger, 2021).

O estudo e desenvolvimento das virtudes apresenta uma longa história (De Raad & Van Oudenhoven, 2011). Segundo Sandage e Hill (2001), é de extrema dificuldade definir este construto, sendo que, existe diversos sistemas de virtudes culturais exequíveis.

Desde cedo, a evolução das virtudes acontece nas crianças, através da habituação (Snow, 2013; Polansky, 2014). O seu desenvolvimento fica mais autorreflexivo e intencionado à medida que estas amadurecem. Assim sendo, o cultivo das virtudes envolve educar às crianças a obter proveitos a partir de como e de quando agir virtuosamente (Snow, 2013).

De acordo com Sócrates, existe uma semelhança entre a virtude e a felicidade, sendo que, uma vida virtuosa é uma boa vida. Em contrapartida, a felicidade depende da sabedoria e, por esse motivo, a sabedoria é fundamental para se ter uma vida boa. Nesta sequência de pensamento, a virtude, a felicidade e a sabedoria são conceitos que se relacionam entre si, unificando-se através da alma. Por conseguinte, as ações boas são benéficas para a alma, melhorando a saúde do sujeito e, por outro lado, os maus comportamentos afetam a sua alma e pioram a saúde. Desta forma, a sabedoria é a causa de toda a felicidade e virtude nas pessoas (Prior, 2016).

Para Platão, a virtude é um modo de traçar harmoniosamente os atos e os anseios do sujeito com o propósito de conceber bem individual e social (McCullough & Snyder, 2000).

Conforme a narrativa de Aristóteles, as virtudes sublimes e existem na natureza humana. Posto isto, uma pessoa virtuosa é que apresenta um padrão de comportamento apropriado e que valoriza as suas ações (Lear, 2014).

As crianças adquirem as virtudes desde cedo, através da exposição repetida a sequências de ação e da rotina. Deste modo, quando as crianças internalizam a ideia de como se comportar virtuosamente, desenvolvem disposições virtuosas (Snow, 2013). A virtude é desenvolvida, segundo Jordan e Meara (1990), no contexto de uma comunidade, através de rotinas e partilha de imensos propósitos e pressupostos. Assim sendo, para um sujeito ser virtuoso, precisa de habituação e experiência. Esta habituação emerge segundo a educação que nos é fornecida pela escola e pela família (Annas, 2011). A habituação deve emergir do agir em harmonia com a lei e do sentimento certo para agir. Posto isto, para um sujeito ter disposições virtuosas precisa de apreciar as ações por si próprias e de ter satisfação ao efetuá-las (Polansky, 2014).

Duas das ferramentas mais produtivas para se desenvolver trabalhos sobre este tema são o *Inventory of character strengths and virtues - Virtues-In-Action* (VIA) de Peterson e Seligman's (2004) e, *Temperament and Character Inventory* (TCI) de Cloninger's (Cloninger, 2004; Cloninger et al., 1993). Ambos o instrumento tem como objetivo medir diferenças individuais confiáveis dos traços de personalidade que podem ser intencionalmente cultivados para que a vida de uma pessoa se desenvolva no que se relaciona com aspetos pessoais e sociais de bem-estar, no entanto não foram previamente comparados sistematicamente. Neste sentido, ambos são baseados em evidências, em contrapartida diferem no modo como as suas características foram identificadas, medidas e validadas (*cit.* Moreira, Inman & Cloninger, 2021).

Peterson e Seligman (2004) escolheram por não definir concretamente caráter ou virtude na orientação do desenvolvimento do modelo VIA. Em contrapartida, os autores optaram por selecionar 24 diferentes traços de personalidade dos que foram escolhidos como unidades naturais para avaliar as forças ou virtudes descritas por filósofos morais e religiosos de inúmeras culturas. Referente ao conteúdo, era expectável que os traços de personalidade fortes influenciassem uma vida boa e feliz, ou seja, que plenificassem a vida do indivíduo com satisfação e significado, sendo que, o oposto da força não trouxesse tamanha felicidade. Os pontos fortes foram medidos como traços comportamentais que se exteriorizam de modo estável em inúmeras situações, se distinguem uns dos outros e são representados através do comportamento dos pares. Relativamente ao desenvolvimento, cada força é apreciada segundo um traço comportamental que consegue ser desenvolvido e adquirido através do contacto com a sociedade. Assim sendo, as forças de caráter do modelo VIA são traços comportamentais que se pressupõe serem adquiridos

pela aprendizagem social. No entanto, ainda não foi excluído a predisposição genética, biológica ou a experiência subjetiva de influências transcendentais sobre a variabilidade para as forças de caráter (*cit.* Moreira, Inman & Cloninger, 2021).

Categoricamente, os critérios descritos anteriormente representam uma visão tolerante cognitivo-comportamental e secular das forças de caráter, no entanto cética no que concerne às ideias religiosas ou espirituais de inúmeros indivíduos (Cloninger, 2005). Exemplo disto é, que um ponto de vista sábio é medido através de auto-relatos de uma perspectiva madura e ser descrito por outros como tal (Moreira, Inman & Cloninger, 2021). Por conseguinte, Peterson e Seligman (2004) abordaram a colunista Ann Landers como um exemplo de perspectiva sábia sendo que partilhava conselhos e ensinamentos vantajosos sobre o cotidiano às outras pessoas.

Por vezes, as experiências subjetivas estão em formato de autorrelato nos itens do VIA (i.e. “Experiencio emoções profundas /Fico profundamente emocionado(a) quando vejo coisas bonitas.”, “Acordo com uma sensação de entusiasmo com as possibilidades que o dia traz”, etc.) ou, afirmações relativas à identidade (i.e. A minha fé faz de mim quem eu sou.”) sendo que, deste modo não é necessário se especificar o que se entende por sabedoria, fé ou sentido de humor no que concerne aos processos implícitos de aprendizagem e compreensão que ocorrem em cada pessoa (Moreira, Inman & Cloninger, 2021).

Deste modo, os itens do VIA estão fortemente centralizados nos comportamentos e experiências do quotidiano. Para além do mais, existe uma dependência de ambientes externos que moldam a transformação nas predisposições que um indivíduo traz para aprender em determinado contexto: “*We rely on the new psychology of traits that recognizes individual differences that are . . . shaped by the individual’s setting and thus capable of change*” (Peterson & Seligman, 2004, p. 10) e, “*Larger society provides institutions and associated rituals for cultivating strengths and virtues*” (Peterson & Seligman, 2004, Criterion 10, p. 27). Neste sentido, a importância atribuída às interações indivíduo – contexto, é suficiente e não exclui em si um papel fundamental para o desenvolvimento das virtudes e bem-estar através de rituais de *mindfulness* e contemplação.

Em contrapartida, o silêncio, não foi considerado um ponto forte do VIA sendo que, o silêncio não é uma característica valorizada em todas as culturas (Peterson &

Seligman, 2004, p. 15). Historicamente, uma grande maioria das culturas valoriza ter pelo menos algum dos seus membros como defensores contemplativos de *insights*, mesmo os que não possuem muita educação ou os que procuram silêncio e solidão como eremitas (Cloninger, 2004; Keady, 2011). O silêncio é um traço característico dos estados de *insight* criativo, que se manifesta através de improviso e fluxo e, em experiências autotranscendentes da unidade universal de estar em contemplação (Cloninger, 2004). Empiricamente, a rede cerebral que se relaciona com a autoconsciência é ativada especificamente quando um indivíduo deixa de dar atenção ao controlo tido anteriormente para as tarefas externas (Zwir et al., 2019, 2021). Naturalmente, é plausível que a classificação de pontos fortes da VIA se encontre limitada na descrição de pontos fortes assim como a sua aptidão para elucidar plenamente o papel da autotranscendência no desenvolvimento de pontos fortes e virtudes, porque exclui uma capacidade-chave para a aprendizagem humana em silêncio.

Peterson e Seligman (2004) apresentaram a classificação Values in Action (VIA), para desenvolver um modelo de forças de caráter e virtudes. Os autores reconheceram e agruparam 24 forças de caráter que, formaram seis valores existentes em documentos históricos de filosofia e religião em culturas distintas. Desses valores, que posteriormente foram designados de virtude resolveram dividir cada uma destas virtudes de modo mais concreto, emergindo as forças de caráter. Emergiram assim 24 principais forças de caráter que estariam presentes em todos os indivíduos, em maior ou menor grau designaram a “sabedoria e conhecimento” (criatividade, curiosidade, julgamento, amor pela aprendizagem, perspetiva), a “coragem” (bravura, perseverança, honestidade, entusiasmo), a “humanidade” (amor, bondade, inteligência social), a “justiça” (trabalho em equipa, justiça. Liderança), a “temperança” (perdão, humildade, prudência, autorregulação) e a “transcendência” (apreciação da beleza, gratidão, esperança, humor, espiritualidade) (Seibel, Sousa, & Koller, 2015).

Segundo Alzola (2012), possuir uma virtude envolve ter um tipo de traço de caráter que possibilite atingir o bem moral que a virtude deseja. Deste modo, as virtudes são traços de caráter complexos, que possibilitam uma harmonia entre o excesso e os extremos de deficiência (Kristjánsson, 2006). O ideal é que as virtudes subsistam em dimensões adequadas e sejam cultivadas de modo certo (Han, 2015). É fundamental, refletir que os traços de caráter possuem duas características principais sendo que, primeiramente afeta o comportamento dos indivíduos, concebendo comportamentos

apropriados, de seguida são expressos em inúmeras situações e não somente numa (Alzola, 2012).

As virtudes são compostas por uma estrutura que integra três elementos fundamentais de caracterização, segundo a antiga teoria ética:

- 1) Disposicional - As virtudes são disposicionais.
- 2) Afetivo - As virtudes incluem sentimentos e para os desenvolver é necessário habituar os nossos sentimentos de uma forma específica.
- 3) Cognitivo – Para se comportar de modo adequado é indispensável raciocínio e compreensão e, para desenvolver uma virtude é imprescindível raciocínio prático ou inteligência prática.

Posto isto, a exploração e o trabalho destes três elementos é fulcral para alcançar uma compreensão completa sobre as virtudes (Annas, 1993).

Schwartz e Sharpe (2006) defendem que a prática e a quantidade de qualquer uma das virtudes deve considerar o contexto do momento e às pessoas envolvidas. Posto isto, os sujeitos conseguem agir de forma adequada no momento certo. Segundo os mesmos autores, existem determinadas questões associadas à prática das virtudes, nomeadamente: de especificidade, conflito e relevância. Em primeiro lugar, as situações da vida real não demonstram aos indivíduos que virtudes devem usar. Em segundo lugar, as situações da vida real, por vezes, provocam conflitos entre algumas virtudes. Por último, as virtudes não possuem a especificidade necessária para os indivíduos saberem como agir.

O modelo de Cloninger assim como descobertas empíricas anteriores (Cloninger et al., 1997; Josefsson et al., 2013; Zwir et al., 2021), sugerem que a autotranscendência e a persistência desempenham papéis cruciais no processo de desenvolvimento da virtude e do bem-estar. Em contrapartida, os autores do VIA simplesmente enfatizam a multiplicidade de caminhos para uma vida virtuosa sem dar uma ênfase individual aos pontos fortes da perseverança, espiritualidade ou transcendência na dinâmica do sistema adaptativo complexo subjacente. No VIA, a espiritualidade refere-se aos indivíduos praticando a sua própria religião com convicção e vontade.

### **Modelo das três virtudes**

Desde que Peterson e Seligman (2004) desenvolveram o modo concetual de forças de caráter e virtudes assim como, os instrumentos associados (VIA-IS e diferentes



versões, como o VIA-72), inúmeros estudos focaram-se em perceber a estrutura latente das forças de caráter recorrendo a métodos exploratórios ao nível da escala (Brdar & Kashdan, 2010; Duan et al., 2012; Littman Ovadia & Lavy, 2012; McGrath, 2014; Shryack et al., 2010). Uma grande maioria desses estudos falhou na replicação original do modelo de seis virtudes.

Peterson e Seligman (2004) contribuíram fortemente para o desenvolvimento e aprofundamento das virtudes. Neste sentido, desenvolveu-se uma classificação hierárquica de características positivas. Esta classificação trouxe consigo inúmeras estratégias de medição, que possibilitaram esclarecer escrupulosamente em que compreende o bom caráter dos seres humanos.

Estes autores identificaram três níveis conceituais: as virtudes, as forças de caráter e os temas situacionais.

Para os mesmos autores, as virtudes incorporam diferentes prismas de superioridade que permitem a resolução e sobrevivência da espécie (Peterson & Seligman, 2004).

Através de inúmeras pesquisas, identificaram três fatores (Shryack et al., 2010) e cinco virtudes (McGrath, 2014) e, embora muitos desses fatores tenham uma forte sobreposição conceitual entre os estudos, também houve variabilidade substancial no conteúdo.

As forças de caráter são os aspetos da personalidade que são valorizados moralmente. Segundo Baumrind (1998), é preciso um indivíduo ter um caráter virtuoso para desejar o bem e ter competências necessárias para fazer o bem. Posto isto, as forças de caráter, quando exercidas, não previnem somente resultados indesejáveis na vida (Botvin et al., 1995), sendo que são a causa de um desenvolvimento saudável (Colby & Damon, 1992; Weissberg & Greenberg, 1997). Diversas evidências demonstram que determinadas forças de caráter (i.e. esperança, inteligência social, autocontrolo, etc), protegem os indivíduos contra os efeitos negativos do *stress* e do trauma, evitando ou diminuindo os problemas que surgem.

De modo a se definir um modelo de forças de caráter e virtudes, desenvolveu-se a classificação *Values in Action* (VIA), onde identificaram seis virtudes centrais. Dessas virtudes, houve a intenção de se dividir cada uma de forma mais concreta, emergindo as forças de caráter. Emergiram assim 24 principais forças de caráter que estariam presentes

em todos os indivíduos, em maior ou menor grau, sendo que, a evolução colabora para a completa realização.

No que concerne às seis virtudes, todas compreendem um conjunto de diferentes competências cognitivas, emocionais, individuais e sociais (Peterson & Seligman, 2004). Pode-se afirmar que existem seis virtudes centrais: a sabedoria, a coragem, a humanidade, a justiça, a temperança e a transcendência. Neste sentido, a virtude sabedoria diz respeito às forças cognitivas que levam à aprendizagem e ao uso do conhecimento. A coragem refere-se às forças emocionais que compreendem a motivação necessária para conseguir objetivos. A humanidade está associada às forças interpessoais relacionadas com o sentido de proteção, criar laços de amizade e de cuidar. A justiça inclui as forças cívicas que possibilitam um espírito comunitário saudável. A temperança respeita a capacidade que as próprias pessoas têm de se proteger contra os exageros. A transcendência é a força necessária que os sujeitos padecem de modo a estabelecerem ligações com o universo e lhe atribuir significados. Posto isto, para que uma pessoa possua um caráter bom, é indispensável que quaisquer estas virtudes detenham valores acima do esperado (Martí & Ruch, 2014).

Segundo Peterson & Seligman (2004), as virtudes dizem respeito às qualidades das pessoas, mas concebidas como conceitos abstratos, em contrapartida, as forças de caráter referem-se a métodos concretos e mecanismos que possibilitam utilizar e expor as virtudes no dia-a-dia e, posteriormente, podem ser avaliadas. Além do mais, as forças de caráter são igualmente capazes de permitirem o sujeito proceder de modo a contribuir tanto para o bem-estar individual como para o bem-estar coletivo.

As características positivas somente são consideradas forças de caráter se cumprirem a maioria dos seguintes critérios:

1. Realização – Uma força de caráter contribui para inúmeras realizações que ajudam a criar uma boa vida para nós e para os outros.
2. Validade Moral – Uma força de caráter tem imenso valor moral, sem ter em consideração os resultados.
3. Não diminuir os outros – A exposição de uma força de caráter por alguém não afeta nem diminui os demais.
4. Oposição Não Feliz – Uma força de caráter carece de flexibilidade.

5. Traços Semelhantes – Uma força de caráter deve mostrar-se a partir do comportamento de um sujeito, deve manter-se idêntica nas diferentes situações e deve ser estável ao longo do tempo.
6. Distinção – Uma força de caráter não é uma característica positiva nem pode ser desagrupada nela.
7. Paradigma – Uma força de caráter sustenta-se em paradigmas consensuais.
8. Prodígios – Alguns indivíduos são considerados prodígios relativamente às forças de caráter.
9. Ausência seletiva – Alguns indivíduos demonstram seletivamente a ausência total de uma força de caráter em específico.
10. Instituições e rituais – A sociedade oferece meios para cultivar as forças de caráter a as virtudes (Peterson & Seligman, 2004).

As virtudes são compostas por três, quatro ou cinco forças de caráter (Ruch et al., 2010). Os temas situacionais de cada força de caráter são automatismos característicos que impulsionam as pessoas a manifestarem determinadas forças de caráter em momentos específicos (Peterson & Seligman, 2004) (Tabela 1).

**Tabela 1**

*Classificação das Forças de Caráter*

Virtudes	Forças de Caráter
Sabedoria	<p><i>Criatividade:</i> Refletir em diferentes modos executar as coisas, sendo proveitosas.</p> <p><i>Curiosidade:</i> Ter curiosidade por uma experiência incessante e por conteúdos fascinantes. Neste sentido, interessa-se pela descoberta e exploração.</p> <p><i>Mente aberta:</i> Pensar sobre as coisas. Não tirar conclusões precipitadas e ter capacidade de modificar o modo de pensamento.</p> <p><i>Aprendizagem:</i> Gostar de dominar novas competências, conhecimentos e tópicos assim como, ser interessado.</p> <p><i>Perspetiva:</i> Ter a capacidade de aconselhar sabiamente os outros, observando o mundo de forma a fazer sentido para si e para os outros.</p>

Coragem	<p><i>Bravura:</i> Não ter medo de ameaças, desafios, dificuldades ou dor. Inclui bravura física.</p> <p><i>Persistência:</i> Continuar a agir, independente dos obstáculos. Gostar de concluir tarefas, sem desistir de as realizar.</p> <p><i>Integridade:</i> Assumir a responsabilidade dos seus sentimentos e comportamentos. Comportar-se de modo sincero e genuíno.</p> <p><i>Vitalidade:</i> Realizar as coisas com excitação, energia e entusiasmo. Viver a vida como uma aventura.</p>
Humanidade	<p><i>Amor:</i> Valorizar relações próximas com os outros.</p> <p><i>Bondade:</i> Ter a capacidade de fazer favores aos outros, ter boas ações, ajudar e cuidar.</p> <p><i>Inteligência Social:</i> Compreender os motivos e os sentimentos das outras pessoas e de si mesmo. Saber como proceder para se adequar a distintas posições sociais.</p>
Justiça	<p><i>Cidadania:</i> Ser capaz de trabalhar em grupo ou em equipa, sendo íntegro.</p> <p><i>Equidade:</i> Tratar os indivíduos do igual modo, comportando-se de forma justa.</p> <p><i>Liderança:</i> Manter boas relações no grupo. Organizar e participar, encorajar o grupo.</p>
Temperança	<p><i>Perdão e misericórdia:</i> Perdoar os que fizeram mal, aceitando os defeitos. Não ser retaliativo. Dar uma nova oportunidade.</p> <p><i>Humildade:</i> Não tentar ser o centro das atenções. Não se observar como mais especial e importante que os outros.</p> <p><i>Prudência:</i> Ser cauteloso ao realizar escolhas. Não dizer ou fazer coisas que poderiam ter sido evitadas, pensando e refletindo sobre as mesmas.</p> <p><i>Autorregulação:</i> Controlar o que se sente e o que se faz. Controlar as vontades e as emoções.</p>

Transcendência	<p><i>Valorização da beleza e da excelência:</i> Perceber a beleza e a excelência em infínitos e diferentes domínios.</p> <p><i>Gratidão:</i> Ter capacidade para agradecer. Estar agradecido e ciente pelas coisas boas que ocorrem.</p> <p><i>Esperança:</i> Acreditar num futuro melhor. Esforçar para conseguir um futuro melhor.</p> <p><i>Humor:</i> Gostar de rir e de incitar alegria nas outras pessoas.</p> <p><i>Espiritualidade:</i> Ter crenças sobre o sentido da vida que ajustam o seu comportamento.</p>
----------------	---

*Classificação das Virtudes e Forças de Caráter (Adaptado de “Character Strengths and Virtues: A Handbook and Classification,” por C. Peterson & M. Seligman, 2004, p.29).*

Inúmeros autores desenvolveram interesse por compreender as virtudes e, aprofundar este modelo, desde que Peterson e Seligman (2004) desenvolveram este modelo de virtudes e forças de caráter.

Um grande número de estudos procura compreender quais os pontos fortes coocorrem, não conseguiram replicar o modelo original. É importante refletir que trabalhos recentes que não aplicaram a análise fatorial, estiveram mais próximos da classificação original, testando subconjuntos de inúmeros pontos fortes que partilham características diferentes e essenciais (Ruch et al., 2021; Ruch & Proyer, 2015).

Para Martin (2007), o modelo das virtudes de Peterson e Seligman (2004) contém algumas lacunas. Primeiramente, diferentes aspetos da classificação destes autores são idiossincráticos, ou seja, bastante peculiares. De seguida, não subsiste qualquer razão para limitar a palavra “virtudes” às seis categorias centrais da classificação. Para este autor, todos os traços de caráter moralmente desejáveis são considerados virtudes. Por último, subsiste o risco de um conjunto de virtudes omnipresentes se tornar moralmente absolutista e sólida.

Outra crítica a esta pesquisa, respeita o facto de que os fatores empiricamente latentes podem não ser compreendidos através da cultura tradicional das virtudes, podendo eventualmente ser devido a idiossincrasias do VIA-IS (McGrath, 2015). Posto isto, o mesmo autor trabalhou a estrutura latente de forças de caráter, aplicando inúmeras versões das avaliações VIA e uma abordagem exploratória (Goldberg, 2006), procurando

identificar uma estrutura latente de virtudes que seja culturalmente aceita e significativa. O autor realizou três estudos, sendo que identificou a mesma estrutura três componentes – autocontrole (reflete a capacidade de se comportar de acordo com o mundo), cuidado (respeita à bondade, amor e trabalho de equipa) e curiosidade (manifestada por forças que respeitam a interação e o envolvimento com o mundo como criatividade, curiosidade e entusiasmo) (Cloninger et al., 2015; Keady, 2011).

McGrath e seus colegas (2018), com uma análise de 12 amostras independentes expôs que esta estrutura composta por três componentes é adequada e correta, destacando que os três construtos estão fortemente correlacionados. Verificou-se que estas três virtudes se aproximam aos construtos identificados por diferentes fontes, incluindo a filosofia e a literatura (McGrath, 2020; McGrath et al., 2018).

### **Funcionamento Familiar**

Os indivíduos nascem, crescem e desenvolvem-se de acordo com as interações que são estabelecidas com o contexto que o rodeia, sendo que o modo como o ser humano se desenvolve aplica uma força crucial no crescimento e mudança do sujeito com o decorrer do tempo (Bronfenbrenner, 1979).

Neste sentido, as redes estabelecidas através das ligações sociais penetram a existência do ser humano e vão se modificando no decorrer do seu desenvolvimento. Estas relações permitem o suporte em fases difíceis ou de transformação, podendo fornecer oportunidades de crescimento pessoal (Barudy & Dartagnan, 2007; Juliano & Yunes, 2014). De acordo com Shaffer (2005), o desenvolvimento humano relaciona-se com as alterações que acontecem nas diferentes pessoas, desde a concepção até ao momento da morte, de modo contínuo e sistemático.

Para Bronfenbrenner (1979), estas alterações são benéficas e colaboram no ajustamento do sujeito à sua volta, observando o indivíduo com um ser proativo, vivo e enérgico na relação estabelecida com o que o rodeia, experimentando o ambiente e interferindo novamente. Neste sentido, é importante compreender que o ambiente ecológico era compreendido através de três principais subsistemas que juntos criavam uma conexão, sendo que cada um deles influenciava e era influenciado pelo outro. No centro desta conexão situa-se a pessoa, com os aspetos únicos que o caracterizam. Neste seguimento, ao primeiro subsistema dá-se o nome de microsistema, estando o mais perto do indivíduo, pois é o que interfere mais, abrangendo tudo o que lhe é próximo e interage

no cotidiano, abrangendo dinâmicas como, a família, o trabalho e os amigos. Segundo Osório (1996), as relações com os diferentes indivíduos podem ser protetoras para os integrantes familiares e restantes vínculos, sendo que, a componente familiar ao passar por diferentes estímulos, também reconhece e mobiliza a sua rede de apoio de diferente modo.

Segundo inúmeros autores, o conceito de família é narrado como um pilar fundamental da vida social, um processo de interação e integração dos diferentes constituintes, onde são estabelecidas relações intrafamiliares e extrafamiliares (Alarcão, 2002; Dias, 2000). Neste sentido, o primeiro contexto de socialização que a criança interage é a família, assumindo um papel importante no desenvolvimento da sua personalidade (Fernandes et al., 2007)

Para Bowlby (1980), a família é percebida como um constituinte fundamental para a comunidade e, com uma imensa importância na vida, sendo onde o ser humano se serve de modo a responder às suas carências e dificuldades com o objetivo de se aproximar da satisfação e segurança, desenvolvendo-se adequadamente. Apesar do referido anteriormente, a unidade familiar apresenta as suas angústias, esterilidades e necessidades intrínsecas, sendo que cada membro tem determinadas obrigações a desempenhar de modo que sejam cumpridas, no sentido de que aconteça, são necessários procedimentos de suporte e, estilos de funcionamento familiar adequados a todos os elementos da família (Bray, 1995).

Ademais das diferentes modificações intrínsecas à evolução e desenvolvimento do sistema familiar, como o nascimento de bebés, o seu crescimento, a sua separação e autonomia, ou o envelhecimento, subsistem diferentes alterações externas à família, como as crises políticas, o avanço da tecnologia, a pandemia, as crises económicas, a guerra, etc., que de alguma forma fazem com que a maneira de funcionamento do sistema familiar se modifique. Porém, as famílias são sistemas relativamente flexíveis e competentes para efetuar as mudanças necessárias de modo a se adaptar às diferentes situações e complicações que acontecem no decorrer das suas vidas, sendo esta particularidade uma característica das famílias funcionais (Minuchin, 1974).

Ao longo do desenvolvimento, as famílias são deparadas por situações que divergem entre os demais. Estas diferentes ocorrências podem originar stress no esforço por uma reorganização e procura por um funcionamento familiar saudável, tanto no

sujeito como na família (Carter & McGoldrick, 2011; Cerveny & Berthoud, 2010). Tendo em conta que qualquer exercício do ciclo vital manifesta adversidades diferentes, percebe-se que a rede social de apoio necessita de se moldar para ser capaz de resolver os desafios existentes, ou seja cada etapa do ciclo vital familiar estimula os diferentes elementos a efetuar alterações de modo a responder às novas necessidades (Minuchin, 1982).

Como observado até então, a cada elemento do núcleo familiar atribuiu-se um lugar e papel característico (Parke, 2004), em contrapartida este papel pode ser vítima de mudanças no decorrer do tempo e desenvolvimento da família, sendo que as práticas e obrigações que os demais constituem manipulam-se e dependem mutuamente (Minuchin, 2002). No entanto, a família não é apenas as diferentes ações que ocorrem entre os seus membros (Bornstein & Sawyer, 2006), esta relaciona-se de acordo com uma determinada disposição, que embora nem sempre seja reconhecida conscientemente, administra as transações feitas dentro do seio familiar, a esta disposição dá-se o nome de estrutura familiar.

Como visto anteriormente, relativamente ao funcionamento familiar é possível afirmar que com o decorrer do tempo a família cruza com um leque de etapas que requerem a reestruturação, possibilitando modificações no que respeita à sua organização. Posto isto, a família precisa de se adaptar às diferentes circunstâncias de modo a manter a sua organização e permitir a evolução a nível psicossocial de cada integrante (Alarcão, 2002; Minuchin, 1982; Relvas, 1996).

Ao longo dos anos, o conceito de família tem sido tratado na literatura como um conjunto social de organização complexa, que detém um efeito na vida dos seus integrantes que está introduzido num contexto social mais vasto, com o qual se encontra em constante interação (Biasoli-Alves, 2004; Sudbrack, 2001). De acordo com inúmeros autores, a família é o primeiro contexto de socialização e de afeto sabido pelo ser humano e o primeiro pilar mediador das suas aprendizagens. Assume particular importância na formação e organização da personalidade, para além de influenciar o comportamento individual através de ações educativas tomadas no contexto familiar (Alarcão, 2006; Boss et al., 2016; Madahi, et al., 2012).

De acordo com a perspetiva sistémica, a família define-se enquanto um sistema complexo, constituído pelas características de cada elemento e, por subsistemas que se



influenciam reciprocamente (Relvas, 2006). De acordo com este pressuposto, as famílias revelam-se como um sistema social complexo e interdependente, cujo sentimento de eficácia dos pais proporciona o bem-estar emocional, sentido de pertença e potenciam trajetórias ajustadas de desenvolvimento dos filhos (Bandura, Caprara, Barbaranelli, Regalia & Scabini, 2011).

Com o decorrer das décadas, têm se desenvolvido diferentes modelos com o objetivo de explicar aspetos do funcionamento familiar. Um desses modelos é o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (Olson, 2000). De acordo com alguns autores, este modelo procurou aperfeiçoar a ligação entre a teoria e modelos familiares e a prática ou terapia sistémica (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). É composto por três dimensões, comuns a diferentes modelos teóricos: a coesão familiar, a flexibilidade familiar e a comunicação familiar.

Resumidamente, a primeira dimensão – coesão familiar – abrange os laços emocionais partilhados entre os membros da família e, concomitantemente, à presença da autonomia particular de cada indivíduo (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003). A segunda dimensão – flexibilidade familiar – refere-se ao grau e modo como a liderança é praticada no seio familiar. Neste sentido, esta dimensão descreve a estrutura familiar no que respeita à sua capacidade de estabilidade e mudança, adotando o pressuposto de que é necessário um equilíbrio entre ambos. Na flexibilidade familiar é espectável que haja níveis equilibrados de flexibilidade para potenciar o melhor funcionamento familiar, promovendo a capacidade de gerir a estabilidade e a mudança (Olson & Gorall, 2003). Por fim, a última dimensão, diz respeito à comunicação familiar. Esta é observada e definida como um aspeto facilitador do desenvolvimento saudável e equilibrado das famílias, revelando a qualidade do relacionamento. Evidencia a aptidão de escuta ativa, empatia, respeito e estima entre os membros sendo que, níveis positivos de comunicação familiar predispõem-na a uma superior acomodação e adequação e, estimulam níveis de coesão e flexibilidade melhores (Olson & Gorall, 2003).

O funcionamento ou eficácia familiar advém de um esforço coletivo e colaborativo para o estabelecimento e manutenção do equilíbrio familiar. Uma família com bom funcionamento é um sistema aberto cujos membros se encontram emocionalmente interligados, sendo encorajados a construir a sua identidade. Neste sentido, a família é feita de amor e cada elemento dela é aceite incondicionalmente. Como

resultado dessa aceitação, a família pode resolver conflitos e voluntariamente responder aos pedidos de ajuda de cada elemento (Kalmjin & Uunk, 2007).

Hill (1958, citado em McKenry et al., 2005; Boss, 2002; McCubbin & Paterson, 1983a, 1983b, como citados por Lopes, 2008) desenvolveu um dos primordiais modelos com o intuito de auxiliar a compreensão de como as famílias trabalham com o *stress* apresentado pelas mudanças - o Modelo ABC-X. Neste sentido, através do desenvolvimento deste modelo, o autor desejava esclarecer porque é que umas famílias conseguem adaptar-se às modificações com facilidade e, em contrapartida, outras não. Hill designa por A o *stressor* apto de incitar mudança na família que, interagindo com B (recursos e fraquezas da família), e com C (significado atribuído ao acontecimento pela família) produzem X (crise que se determina pela inaptidão da família em recuperar a estabilidade que existia anteriormente ao acontecimento). É importante perceber que, pode haver *stress* sem haver crise quando a família recorre aos recursos previamente desenvolvidos, evitando a alteração no sistema familiar (McCubbin & Paterson, 1983, como citados em Lopes, 2008).

O funcionamento familiar, fundamentalmente, refere-se às características globais da família. Ou seja, funcionamento familiar refere-se à capacidade da família se proteger como um sistema familiar acompanhando todas as mudanças subjacentes, resolvendo conflitos, através da união entre os membros e o sucesso na disciplina, o cumprimento e respeito dos limites de cada indivíduo e a aplicação de regras e princípios para orientar a família. Um dos modelos fundamentais no campo do funcionamento familiar é *McMaster's family pattern*, sendo introduzido por Epstein, Baldwin & Bishop em 1983 na McMaster University (Boterhoven de Haan et al., 2015).

Segundo este modelo, a avaliação do funcionamento familiar é baseada segundo uma abordagem sistémica. O modelo utiliza um sistema global na abordagem da teoria de sistemas, preconizando a descrição da estrutura, organização e padrões transacionais da unidade familiar. Os princípios básicos deste modelo incluem: a relação entre si das partes e os componentes da família, a incompreensibilidade de um componente separado de outros componentes da família, o importante papel da estrutura e dos padrões interativos da família na determinação e formação do comportamento dos membros da família (Epstein et al., 1978).

Shek (2002), Wang e Zhao (2013) acreditam que o funcionamento familiar não está somente relacionado com a qualidade da vida familiar, mas também para a estrutura familiar, comunicação, adaptabilidade, coesão, resolução de problemas e a tudo o que engloba a vida familiar em si. Neste sentido, o funcionamento familiar abrange diversas dimensões como: o processo – comportamentos/conduitas intrínsecas às relações familiares; a composição – o tipo de família e que membros a constituem; fatores emocionais – emoções e sentimentos distribuídos pelos membros familiares; e, por fim, a organização – que engloba os papéis e regras exercidos pelos membros, assim como fronteiras e hierarquia familiar (Bray, 1995; Minuchin et al., 2008; Samani, 2008, 2011).

Através de uma detalhada revisão de diversas investigações, observou-se que um funcionamento familiar adaptativo, onde haja coesão, flexibilidade e comunicação positiva entre progenitores e filhos, pressupõe um desenvolvimento assertivo das crianças e jovens, particularmente ao nível da saúde mental, autoestima e satisfação; em contrapartida, dificuldades nesse funcionamento limitam o ajustamento dos adolescentes e associam-se com sintomas de depressão, ansiedade, de comportamento (e.g., antissocial, delinquência, toxicod dependência) (Francisco et al., 2016).

Neste seguimento, é importante haver a consciência de que inúmeros autores, não apenas os referidos anteriormente, têm-se esforçado por trabalhar diferentes instrumentos de medida competentes para refletir o funcionamento familiar e de que forma este impacta na vida dos sujeitos (Olson et al., 1986; Olson, 2008; Skinner et al., 1983). Estes têm procurado avaliar aspetos do funcionamento familiar como a coesão, os limites, a intimidade entre os membros da família, a expressão emocional, a comunicação, os valores e regras, os papéis, a capacidade de resolução de problemas, o controlo, a estrutura, os conflitos, o status económico e social, entre outros. Nesta linha, Stratton, Bland, Janes e Lask (2010) sugeriram a presença de três dimensões principais na avaliação do funcionamento familiar: os recursos, a comunicação e as dificuldades sentidas pelo sistema familiar que abrangem em si mesmos aspetos como a comunicação, o humor/clima emocional, a adaptabilidade, a hostilidade e os papéis desempenhados pelos membros da família.

O SCORE contém itens que estão codificados de modo positivo e negativo. Neste sentido, é necessário haver a consciência de que pontuações baixas indicam melhores resultados. A versão original de 40 itens assim como, as versões mais curtas de 15 itens

foram desenvolvidas por um grupo no qual Peter Stratton desempenhou um papel fundamental (Stratton et al., 2010).

Tal a importância deste instrumento, que o SCORE foi adotado pela UK Association for Family Therapy (AFT) e pela Associação Europeia de Terapia Familiar (EFTA) como o principal instrumento de avaliação dos resultados tanto em terapia sistêmica de família e casal.

Um estudo realizado com a população adulta com problemas psicológicos desenvolvido por uma equipa irlandesa do SCORE, investigou as propriedades psicométricas do SCORE-15 numa amostra extraída exclusivamente dos serviços de saúde mental para adultos (O'Hanrahan et al., 2017). Aspetos deste estudo foram relatados em inúmeros artigos e teses (Carr et al., 2016; Daly-White, 2013; Fitzhenry, 2015; Fitzhenry et al., 2015; Harte, 2013; O'Hanrahan, 2015). Houve quatro descobertas principais na realização deste estudo sobre as propriedades psicométricas de formas curtas do SCORE.

Primeiramente, o SCORE-15 mostrou validade no critério de distinção entre grupos de critérios bem definidos. Todas as medidas das escalas clínicas diferiam significativamente das da amostra normativa descrita no artigo de Fay et al. (2013).

A segunda descoberta foi que o SCORE mostrou boa validade correlacionando de forma esperada com medidas de outros construtos clínicos relevantes. Todas as escalas tiveram correlações significativas com índices de funcionamento global, necessidades de serviço e lembranças de maus-tratos infantis (Bernstein & Fink, 1998). Neste sentido, menos ajustamento familiar em todas as escalas do SCORE foram associadas a pior funcionamento geral, maiores necessidades e maiores lembranças de maus-tratos infantis (Fitzhenry et al. 2015).

Estes autores têm centrado o seu trabalho no desenvolvimento de instrumentos que avaliam o impacto do funcionamento familiar no seu global, ou seja, como um todo. A versão portuguesa do SCORE 15 – *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15), Stratton, Bland, Janes e Lask (2010). É um inquérito de auto-resposta que avalia diferentes perspetivas do funcionamento familiar que são perceptíveis à alteração terapêutica, integrado por pontos que compõe três dimensões da família: Recursos Familiares, Comunicação na Família e Dificuldades Familiares. Neste seguimento, os autores compreenderam nestas três dimensões características como a comunicação,

hostilidade, humo/clima emocional, flexibilidade/adaptabilidade, regras e papéis que cada membro tem na família (Cahill, O'Reilly, Carr, Doo ley, & Stratton, 2010; Fay et al., 2013; Hamilton, Carr, Cahill, Cassells, & Hartnett, 2015; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010).

A validação do SCORE-15 português foi feita por Vilaça e seus colegas da Universidade de Coimbra (Relvas, Vilaca, Sotero, Cunha, & Portugal, 2010; Vilaca et al., 2015). A tradução foi feita de acordo com os procedimentos do protocolo de tradução EFTA, como parte do projeto SCORE da EFTA, que envolve estudos psicométricos do instrumento em toda a Europa. Os estudos desenvolvidos mostraram que o SCORE-15 português discriminava casos clínicos e não clínicos, correlacionava com uma escala de qualidade de vida e a subescala de comunicação do SCORE-15 português, detectando assim mudança terapêutica. Oito por cento dos 66 casos apresentaram melhora confiável do Tempo 1 para o Tempo 2 no índice de mudança confiável (Jacobson & Truax, 1991). As análises de confiabilidade dos dados das amostras nos três estudos mostraram que as escalas de ajuste familiar total, pontos fortes e dificuldades do SCORE-15 versão portuguesa mostraram boa confiabilidade de consistência interna e a escala de comunicação foi moderadamente confiável.

O questionário apresenta diversas vantagens e limitações, como por exemplo, apresenta boas propriedades psicométricas e expõe uma estrutura fatorial idêntica à versão primordial. Neste sentido, e para o desenvolvimento deste estudo foi fundamental a aplicação deste questionário de avaliação do funcionamento familiar sendo que, nos proporciona alcançar informações importantes sobre os integrantes da família, que procuram a terapia familiar. Além disto, com o decorrer do processo de preenchimento, as famílias poderão ser expostas ao debate, ponderação e partilha de características eventualmente pertinentes. É importante realçar que este instrumento foi construído para que possibilitasse aos questionados que divulguem pontos relativos ao seu funcionamento familiar, sem ter em conta o seu meio socioeconómico e cultural.

De acordo com o exposto até então, para Lanigan (2009), o funcionamento familiar é o processo através do qual o sistema familiar garante a satisfação das suas necessidades, toma decisões, estabelece regras e estabelece objetivos que promove o desenvolvimento familiar e dos membros que a integram. Neste sentido, são considerados fundamentais três aspetos no quotidiano das famílias: os recursos familiares, a comunicação familiar e a sobrecarga de dificuldades a que a família se encontra patente.

É através da união destes três aspetos que a funcionalidade da família é definida (Stratton, Bland, Janes, & Lask, 2010).

### **Recursos Familiares**

De uma forma geral, os recursos têm impactos diretos e indiretos no funcionamento familiar (Ma, Wong, Lau, & Shuk Han, 2009). Quanto mais resiliente for a família, mais apta estará para a resolução de problemas através de uma utilização eficaz dos recursos (Lee, Jackson, Parker, DuBose, & Botchway, 2009). Os recursos dizem respeito às competências que umas famílias têm para trabalhar e gerir o *stress* criado por diferentes momentos de mudança (Echevarria-Doan, 2016; Stratton et. al., 2010). Segundo Minuchin (1974), se os recursos necessários não forem ativados para lidar com o *stress* da acomodação a diferentes estímulos, este poderá torna-se patológico, neste sentido a capacidade de adaptação é uma resposta positiva ao stress, sendo uma das características que distingue as famílias funcionais das disfuncionais (Olson, 2000). Estas mudanças podem ser de diversas ordens: pessoal - de cada membro familiar; internos - do próprio sistema familiar; e, externos -provenientes da comunidade (McCubbin, et al., 1981; McCubbin e Patterson, 1983). De acordo com Lee e seus colegas (2009) quanto maior o número de recursos que a família tiver, maior a capacidade de autogestão para lidar com as dificuldades.

### **Comunicação Familiar**

Por outro lado, a família não deixa de ser um sistema e ao mesmo tempo um processo de interação e de integração dos seus elementos. A comunicação é a força de ligação que constitui condições necessárias de convívio e de segurança completa do sistema, apoiando-se na igualdade ou na diferença (Dias, 2011). A comunicação familiar abrange a particularidade das trocas verbais, não-verbais e para-verbais partilhadas na família. Sendo que ocorre de forma contínua e mutável, pode afirmar-se que é processual. Deste modo, a comunicação está diretamente ligada ao modo como os integrantes da família partilham significados, unificando e aproximando quando é funcional ou afastando e criando sentimentos de incompreensão quando é disfuncional (Alarcão, 2006; Galvin & Braithwaite, 2015). Por fim, o sistema de comunicação existente numa família sendo um processo interativo onde as condutas de cada membro é fator e resultado do comportamento dos outros, os efeitos finais dependem mais do processo comunicativo e, não apenas dos contextos existentes inicialmente (Dias, 2011).

## **Dificuldades Familiares**

Por fim, as dificuldades familiares dizem respeito às situações de elevado *stress* que, de alguma forma afetam o funcionamento familiar, desencadeadas a partir de quatro fatores: 1) o impacto de forças extrafamiliares num dos elementos, como por exemplo o impacto laboral; 2) o contacto da família com forças extrafamiliares, por exemplo a pandemia COVID - 19; 3) transições no ciclo familiar, o nascimento de novos filhos; e 4) situações não normativas que afetam a organização do sistema, por exemplo a descoberta de uma doença grave em algum membro da família (Minuchin, 1979). Assim sendo, quaisquer desencadeadores de *stress* que sobrecarregam a família podem levar ao aumento do cansaço, o qual tem um enorme efeito nas crenças e comportamentos parentais (Dunning & Giallo, 2012).

## **Virtudes e Funcionamento Familiar**

Inúmeras evidências empíricas sobre os correlatos e resultados das forças de carácter têm sido desenvolvidas. Neste sentido, segundo Park e Peterson (2006), embora as forças de carácter contribuam para a realização, determinadas forças estão mais fortemente relacionadas com o bem-estar e o desenvolvimento do que outras.

Exemplo do relatado anteriormente, é que as forças de carácter que se encontram relacionadas com a satisfação com a vida, ou seja, as que indicam mais fortemente o bem-estar pessoal, são a gratidão, esperança, entusiasmo, curiosidade e, o mais importante, o amor. Amor este que é definido como a capacidade de manter relacionamentos próximos e recíprocos com outras pessoas. Neste sentido, para uma vida psicologicamente boa, é necessário que os indivíduos desenvolvam especificamente estas forças (Park & Peterson, 2006c; Park, Peterson & Seligman, 2004).

O estudo da relação do funcionamento familiar e a parentalidade com o desenvolvimento infantil tem vindo a ser desenvolvido ao longo dos anos (Baumrind, 1967; Bowlby, 1969; Ainsworth et al., 1978). Nos últimos anos, dedicou-se a tentar compreender se existe uma diferença entre os pais considerados normais ou “suficiente bons” relativamente à variação patológica no ambiente desenvolvimental (Maccoby, 2000). Nestes estudos, ficou demonstrado os efeitos adversos da privação ambiental severa e maus-tratos parentais no desenvolvimento anormal da criança.

Ambientes familiares disfuncionais não proporcionam à família muitas das experiências necessárias para o desenvolvimento e adaptação às circunstâncias da vida

(Cicchetti & Toth, 2005). Inúmeras interrupções no desenvolvimento causadas por um disfuncionamento familiar podem levar a uma vulnerabilidade relativamente duradoura que aumenta a probabilidade de inúmeras interrupções no desenvolvimento (Cicchetti, 2004; Cicchetti e Toth, 2005).

A personalidade reflete a coerência do comportamento e das emoções e a adaptação do indivíduo ao ambiente. A teoria psicobiológica da personalidade de Cloninger e seus colegas (1993) determina que a personalidade é composta por temperamento e caráter, sendo que são dois domínios inter-relacionados que, hipoteticamente, interagem como um sistema dinâmico não linear que regula o desenvolvimento das funções psicológicas.

Park e seus colegas, (2013) observam as forças de caráter como um conceito multidimensional, ou seja, vêm um conjunto de disposições positivas, sendo que cada pessoa é capaz de expressar qualquer uma delas.

As forças de caráter são características positivas refletidas em pensamentos, sentimentos e comportamentos, que podem contribuir para o bom desenvolvimento dos sujeitos (Park, Peterson & Seligman, 2004).

De acordo com Harzer e Ruch (2015), as forças podem ser determinantes para uma vida de uma vida bem-sucedida, feliz e satisfeita, o que se pode observar em fatores externos para obter uma boa educação, um ambiente social estável, ou uma segurança financeira.

Park e Peterson (2009), no seu trabalho sobre forças de caráter, observaram que as mesmas são influenciadas pela educação e pela natureza. Uma grande variedade de influências contribui para o desenvolvimento do caráter – genes, família, escola, colegas e comunidade. Posto isto, não é surpreendente que as forças de caráter entre pais e filhos tendem a convergir. Um estudo realizado com gêmeos que teve como objetivo comparar semelhanças nas forças VIA em gêmeos idênticos vs pais, descobriu-se que cada uma das forças é moderadamente hereditária (Steger et al., 2007). O mesmo estudo, demonstrou que o ambiente familiar influencia alguns dos pontos fortes – amor ou aprendizagem (Dunn & Plomin, 1992). Os mesmos autores afirmam que, talvez a influência da família nos membros seja mais relevante para as características positivas do que para as negativas.



Quando se afirma que as forças de caráter são semelhantes a traços, refere-se apenas a que os hábitos são relativamente estáveis ao longo do tempo e comparativamente gerais em todas as situações. Nenhum significado adicional deve ser inferido e, o fato de que as forças de caráter, conforme as medimos, são moderadamente hereditárias, não significa que sejam coisas imutáveis ou singulares (Peterson, 2006).

Modelos positivos também são importantes para o desenvolvimento de um bom caráter (Bandura, 1977; Sprafkin, Liebert e Poulos, 1975). É importante fazer esta reflexão, sendo que a população adulta na vida dos jovens pode desempenhar um papel basilar no desenvolvimento do caráter. Para o bem ou para o mal, somos todos um modelo e, precisamos de agir de um modo digno e correto para imitação. Por fim, observa-se que o contexto é importante não apenas para adquirir forças de caráter, mas também para usá-las. Obviamente, é mais fácil exibir certas qualidades de caráter em alguns cenários do que em outros (Park & Peterson, 2009).

As virtudes e forças de caráter são fundamentais para um indivíduo, sendo que elas também têm um papel basilar para o bem-estar da sociedade. Posto isto, ninguém vive sem desafios e contratempos, mas na medida em que as pessoas tiverem maior satisfação com a vida, maior força de caráter e apoio social, menos problemas psicológicos ou físicos irão desenvolver (Park, 2004b; Peterson, Park, & Seligman, 2006).

Inúmeros estudos sugerem que as forças de caráter ajudam os indivíduos a construir recursos pessoais que, por sua vez, os ajudam a alcançar outros resultados desejáveis (Rashid et al., 2013), tais como: satisfação com a vida (Toner et al., 2012), autoconceito e autoestima (Giménez, 2010; Raimundi et al., 2015) e, orientação vocacional (Proyer, 2012).

A coragem psicológica é definida como a paixão por atingir objetivos de longo prazo, assim como os esforços sustentados na direção de atingir os objetivos (Duckworth et al., 2007). Além disso, a coragem está relacionada com o desempenho acadêmico (Duckworth et al., 2007), desempenho nos concursos de soletração (Duckworth et al., 2007) e, esperança (Vela et al., 2015).

Além da coragem, a curiosidade é outra importante força de caráter, que consiste em ampliar (ou seja, tendência a explorar novas experiências) e, ter vontade de alcançar novas perspectivas (ou seja, prontidão para aceitar novas situações) (Jovanovic & Vavrilov-Jerkovic, 2014). A curiosidade faz parte do crescimento pessoal e da força

psicológica (Kashdan, Rose, & Fincham, 2004; Peterson & Seligman, 2004) que está relacionada com a satisfação com a vida, esperança (Jovanovic & Brdaric, 2012; Kashdan, 2011) e sucesso acadêmico (Kashdan & Yuen, 2007). Os investigadores encontraram uma conexão positiva entre gratidão, saúde e desempenho acadêmico (Emmons & McCullough, 2003; Froh, et al., 2011). Além disso, o otimismo refere-se a “expectativas de que eventos positivos ocorrerão na vida” (Scheier & Carver, 1985). Os investigadores descobriram que o otimismo estava relacionado aos resultados positivos dos jovens e adolescentes (Aspinwall & Taylor, 1992; Chemers, Hu, & Garcia, 2001; Huan, et al., 2006; Scheier & Carver, 1992; Sulkers et al., 2013).

Contrariamente ao talento e às habilidades que estão associados a predisposições inatas e, são valorizados através das suas consequências tangíveis (i.e. sucesso, aclamação, etc), as forças de caráter podem ser desenvolvidas através de experiências de vida e atividades diferentes (Steen, Kachorek e Peterson, 2003). Neste sentido, a influência da família, da escola e da sociedade como um todo pode determinar a construção e expressão desses traços positivos (Park, 2004). Existem evidências recentes entre adolescentes da população em geral de que a percepção do funcionamento familiar positivo está associada a uma percepção mais forte das próprias forças de caráter (Giménez, 2010; Sek-yum Ngai, 2015).

A psicologia positiva envolve a satisfação com a vida devido à presença de felicidade e bem-estar psicológico (Segrin & Taylor, 2007). A satisfação com a vida refere-se às percepções individuais de qualidade de vida, bem como afeto positivo e negativo (Diener, Luca, & Oishi, 2001).

Jefferson (1819), afirmou que a felicidade é o principal objetivo da vida, mas a virtude é o fundamento da felicidade. Na sequência, Obama (2009), na sua tomada de posse lembrou a população que a virtude ainda é a base de uma sociedade próspera, sendo que as virtudes podem nos ajudar a sobreviver e, de facto, desenvolver-se de acordo com os indivíduos e a sociedade.

Relativamente aos estudos de personalidade e o funcionamento familiar é muito limitado (Mersky & Topitzes, 2010). De igual modo, o estudo de virtudes e funcionamento familiar é muito escasso e limitado, sendo por isso estes estudos tão importantes no campo da personalidade.

### **Objetivos, Questões e Hipóteses de Investigação**

O principal objetivo do estudo foi verificar se existe uma relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos.

Neste sentido e, sendo que o funcionamento individual é mais ou menos virtuoso e se encontra diretamente relacionado com o funcionamento familiar, formularam-se as seguintes hipóteses: “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos”, “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e os recursos familiares em adultos?”, “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e a comunicação na família em adultos?” e, por fim, “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e as dificuldades familiares em adultos?”

As hipóteses de investigação formuladas são:

H0: Não existe uma relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos.

H1: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos.

H2: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e os recursos familiares em adultos.

H3: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e a comunicação na família em adultos.

H4: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e as dificuldades familiares em adultos.

## Método

O presente estudo pretende observar a associação entre as variáveis Virtudes e Funcionamento Familiar, ou seja, observar a sua relação. Posto isto, de acordo com a tipologia tradicional, é um estudo correlacional. Estudo empírico quantitativo. Sendo um estudo *ex post facto* retrospectivo (Montero & León,2007).

### Participantes

O presente estudo resultou de uma amostra não probabilística constituída por 811 participantes.

Para selecionar a amostra foi definido um critério de inclusão:

1. Idade dos participantes ser igual ou superior a 17 anos.

No que respeita ao sexo, 29.8 % dos participantes são do sexo masculino ( $n=242$ ) e 69.9 % são do sexo feminino ( $n=567$ ) (Tabela 2).

Relativamente à escolaridade, 3.3% dos participantes têm o 1º ciclo do ensino básico concluído ( $n = 27$ ), 3.5% têm o 2º ciclo do ensino básico concluído ( $n = 28$ ), 8.6% têm o 3º ciclo do ensino básico concluído ( $n = 70$ ), 57.5% tem o ensino secundário concluído ( $n = 466$ ), 21.7% têm a licenciatura concluída ( $n=176$ ), 3.0% têm o mestrado concluído ( $n=24$ ) e, .6 têm o doutoramento ( $n=5$ ) (Tabela 2).

No que respeita à profissão (estado), 44.1% são estudantes ( $n = 358$ ), 35.8% dos participantes estão empregados ( $n = 290$ ), 4.1% estão desempregados ( $n=33$ ), 6.9% estão reformados ( $n = 56$ ), e, por fim, 5.4% são trabalhadores e estudantes ( $n = 44$ ) (Tabela 2).

Relativamente ao estado civil, 58.9% dos participantes estão solteiros ( $n = 478$ ), 4.9% encontram-se em união de facto ( $n=40$ ), 29.1% estão casados ( $n = 236$ ), 3.5% estão divorciados ( $n = 28$ ), 1.6% são viúvos ( $n=13$ ) (Tabela 2).

Referente ao rendimento mensal líquido do agregado familiar, 1.6% dos participantes detém um rendimento mensal líquido inferior aos 500€ ( $n = 13$ ), 11.8% possui um rendimento mensal líquido entre os 500€ e os 800€ ( $n = 96$ ), 24.9% tem um rendimento mensal líquido entre os 900€ os 1200€ ( $n = 202$ ), 24.7% possui um rendimento mensal líquido entre os 1300€ os 1900€ ( $n = 200$ ), 14.8% detém um rendimento mensal líquido entre os 2000€ os 2900€ ( $n = 120$ ), 6.3% tem um rendimento mensal líquido entre os 3000€ os 3900€ ( $n = 51$ ), 2.0% detém um rendimento mensal líquido entre os 4000€ os

4900€ ( $n = 16$ ), 3.3% tem um rendimento mensal líquido superior a 5000€ ( $n = 27$ ) (Tabela 2).

**Tabela 2**

*Caraterização da Amostra*

	N	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	242	29.8%
Feminino	567	69.9%
<b>Escolaridade</b>		
1º ciclo do ensino básico	27	3.3%
2º ciclo do ensino básico	28	3.5%
3º ciclo do ensino básico	70	8.6%
Ensino Secundário	466	57.5%
Licenciatura	176	21.7%
Mestrado	24	3.0%
Doutoramento	5	.6%
<b>Profissão (estado)</b>		
Estudante	358	44.1%
Empregado	290	35.8%
Desempregado	33	4.1%
Reformado	56	6.9%
Trabalhador-estudante	44	5.4%
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	478	58.9%
União de facto	40	4.9%
Casado	236	29.1%
Divorciado	28	3.5%
Viúvo	13	1.6%
<b>Rendimento</b>		
Inferior a 500€	13	1.6%
500€ - 800€	96	11.8%
900€ - 1200€	202	24.9%

1300€ - 1900€	200	24.7%
2000€ - 29000€	120	14.8%
3000€ - 3900€	51	6.3%
4000€ - 4900€	16	2%
Superior a 5000€	27	3.3%

## **Instrumentos**

### **Questionário Sociodemográfico**

Questionário sociodemográfico, que tem como objetivo recolher informação sobre idade, sexo, nacionalidade, escolaridade, curso, estado da profissão atual, profissão atual, profissão anterior do participante, estado civil, com quem vive, escolaridade da mãe, estado da profissão da mãe, profissão atual da mãe, profissão anterior da mãe, escolaridade do pai, estado da profissão do pai, profissão atual do pai, profissão anterior do pai e rendimento mensal.

### ***Values in Action Inventory of Strengths (VIA-72)***

Peterson e Seligman (2004), são os autores do VIA – IS, sendo o mesmo um questionário de autorrelato constituído por 240 itens. Para cada item é utilizada uma escala de *Likert* de cinco pontos: 1 – “Eu sou mesmo assim”, 2 – “É muito parecido comigo”, 3 – “É um bocadinho parecido comigo”, 4 – “É pouco parecido comigo” e 5 – “Não sou nada assim”.

Segundo Niemiec (2013), este instrumento padece da validade e da confiabilidade, correspondendo a boas características psicométricas.

Foi utilizado a versão portuguesa VIA Survey – 72 (Moreira., Inman., & Cloninger.,2021). É um questionário de autorrelato composto por 72 itens, de acordo com uma escala de *Likert* de cinco pontos: 1 – “Nada como eu”, 2 – “Não é como eu”, 3 – “Neutro”, 4 – “Como eu” e, por fim 5 – “Muito como eu”. Considerando que os 72 itens se distribuem em 6 dimensões: Sabedoria e Conhecimento, Coragem, Humanidade, Justiça, Temperança e Transcendência.

No que concerne às propriedades psicométricas do mesmo, é de destacar que a confiabilidade para as diferentes escalas de força de caráter oscila entre .61 e .81 (McDonald’s ómega,  $\omega$ ).

Especificamente, foi utilizada a versão portuguesa adaptada de Moreira, Inman e Cloninger (2021).

### ***Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15)***

Para avaliar o funcionamento familiar recorreu-se ao *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15; Stratton, Bland, Janes, & Lask, 2010), que será utilizado na versão portuguesa (Vilaça, Silva, & Relvas, 2015).

O respetivo instrumento é aplicado aos constituintes do sistema familiar, com idade igual ou superior a 12 anos de idade. A versão portuguesa de 15 itens do *Score*, avalia vários aspetos do funcionamento familiar que poderão ser sensíveis à mudança terapêutica, sendo que para cada item corresponde uma Escala de *Likert* composta por cinco pontos, onde o individuo avalia a sua família, através das seguintes afirmações: 1 - “descreve-nos muito bem”; 2 - “descreve-nos bem”; 3 - “descreve-nos em parte”, 4 - “descreve-nos mal”; e, por fim, 5 - “descreve-nos muito mal”.

Considerando que os 15 itens do instrumento se distribuem por três dimensões familiares: Recursos Familiares (RF) – itens 1, 3, 6, 10, 15; Comunicação Familiar (CF) – itens invertidos 2, 4, 8, 12, 13; e, Dificuldades Familiares (DF) – itens invertidos 5, 7, 9, 11, 14. Os cinco itens correspondentes à dimensão Recursos Familiares adequam-se à capacidade de adaptação da família e aos recursos. Os cinco itens correspondentes à dimensão Comunicação Familiar pretendem avaliar a comunicação presente no seio familiar. Por fim, os cinco itens correspondentes à dimensão Dificuldades Familiares pretendem estimar as consequências das dificuldades ao nível familiar.

Stratton et al. (2010), no estudo original, observou que os 15 itens apresentam uma boa consistência interna ( $\alpha=.89$ ). Posto isto, devido ao coeficiente alfa de Cronach, observa-se valores correspondentes a uma boa consistência interna - a escala total  $\alpha = .84$ , Fator 1  $\alpha = .85$ , Fator 2  $\alpha = .83$  e Fator 3  $\alpha = .82$  (Pestana & Gageiro, 2008). Em estudos psicométricos, posteriores ao estudo original, foram calculados os alfas de Cronbach para as 3 subescalas do SCORE-15 sendo estes:  $\alpha = 0,83$  na subescala RF;  $\alpha = 0,85$  na subescala CF; e  $\alpha = 0,78$  na subescala DF (Hamilton, Carr, Cahill, Cassells e Hartnett, 2015).

Relativamente à validade e construto do SCORE-15 versão portuguesa e, a sensibilidade do instrumento à mudança terapêutica, os autores efetuaram três estudos entre 2010 e 2013 envolvendo 618 participantes, dos quais 136 eram de famílias que frequentavam terapia sistêmica e 482 eram de famílias não clínicas (Vilaça a et al., 2015). Os estudos expuseram que o SCORE-15 versão portuguesa distinguia casos clínicos e

não clínicos, correlacionava com uma escala de qualidade de vida e a subescala de comunicação do SCORE-15 português, detetando mudança terapêutica. As análises de confiabilidade dos dados das amostras nos três estudos mostraram que as escalas de ajuste familiar total, pontos fortes e dificuldades da versão portuguesa do SCORE-15 mostraram boa confiabilidade de consistência interna e a escala de comunicação foi moderadamente confiável (Jacobson & Truax., 1991)

## **Procedimento**

### **Recolha de dados**

Os dados utilizados neste projeto de dissertação, tal como o consentimento informado, foram recolhidos pelo Centro de Investigação de Psicologia para o Desenvolvimento (CIPD) no âmbito do projeto mais vasto a ser desenvolvido – “Personalidade e Funcionamento Positivo” (referência: CIPD/2122/PERS/3).

### **Análise dos Dados**

Os questionários foram organizados numa base de dados, utilizando-se para o efeito o Programa Estatístico *Statistical Package for the Social Science (SPSS)*, versão 26.0, através do qual se realizaram as análises estatísticas.

Inicialmente, os dados foram introduzidos neste *software*.

Seguidamente, foi realizada a limpeza dos dados, a computação das variáveis e a caracterização da distribuição. Neste momento foram eliminados 36 participantes, destes 26 não preencheram os instrumentos no primeiro momento, e oito detinham  $Z|+|>3$ .

Posteriormente, foi realizado o pressuposto da distribuição normal das variáveis dependentes e foi verificado através do coeficiente de simetria e curtose que variou entre .006 a .740, e deste modo iremos utilizar teste paramétrico.

Foi utilizada a Estatística Descritiva para descrever os dados (Martins, 2015).

O tratamento dos dados foi realizado em dois momentos: estatística descritiva, onde foram calculadas frequências ( $n$ ), médias ( $M$ ) e desvios-padrão ( $DP$ ) das variáveis sociodemográficas, bem como das virtudes e do funcionamento familiar, com o objetivo de descrever os dados e detetar alguma incoerência.

Foi realizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov* para verificar a normalidade da distribuição, uma vez, que o número da amostra é superior a 30 sujeitos.



Através da realização do teste de Kolmogorov-Smirnov verificou-se que não existe normalidade na distribuição da amostra. Desta forma, a virtude sabedoria apresenta um valor de  $p = .000$ , a virtude coragem mostra um valor de  $p = .000$ , a virtude humanidade apresenta um valor de  $p = .000$ , a virtude justiça exibe um valor de  $p = .000$ , a virtude temperança expõe um valor de  $p = .000$ , a virtude transcendência apresenta um valor de  $p = .000$ , recursos familiares exibe um valor de  $p = .000$ , comunicação na família apresenta um valor de  $p = .000$ , dificuldades familiares recursos familiares mostra um valor de  $p = .000$  e, por fim, o funcionamento familiar no seu total expõe um valor de  $p = .000$ .

De forma a facilitar a análise das dimensões do SCORE-15, a dimensão recursos familiares foi invertida. Assim, as pontuações mais baixas significam menores recursos nas famílias e pontuações mais altas, um maior índice de recursos familiares. As dimensões comunicação e dificuldades familiares foram também invertidas, como sugerido pelos autores do SCORE-15 (Stratton et al., 2010). Deste modo, quanto mais elevadas as pontuações, maiores são as dificuldades e problemas de comunicação nas famílias. Nas dificuldades familiares evidencia-se uma pontuação média baixa ( $M = 1,84$ ;  $DP = 0,70$ ) superior à comunicação ( $M = 1,77$ ;  $DP = 0,70$ ), indicando uma maior consciência sobre as dificuldades no seio familiar relativamente à disfuncionalidade na comunicação. Nos recursos identifica-se uma pontuação média alta ( $M = 4,37$ ;  $DP = 0,55$ ), indicando que as participantes deste estudo conseguem identificar forças na sua família e disfuncionalidade familiar do SCORE-15.

Posteriormente, foi feita a testagem das hipóteses através de estatística inferencial, com o objetivo de perceber se existe ou não uma relação entre as dimensões das virtudes (Sabedoria, Coragem, Humanidade, Temperança, Transcendência) e o funcionamento familiar, nomeadamente as relações familiares (RF), comunicação na família (CF) e dificuldades familiares (DF), deste modo, foi calculado o coeficiente de correlação de *Pearson*.

Neste estudo obteve-se igualmente uma boa consistência interna nas subescalas RF ( $\alpha = .82$ ) CF ( $\alpha = .71$ ) e DF ( $\alpha = .74$ ).

Nesta investigação este instrumento revelou uma boa consistência interna relativamente à escala total, tendo apresentado um alfa de Cronbach de 0,82. Nas subescalas RF ( $\alpha = 0,76$ ) e CF ( $\alpha = 0,71$ ) obteve uma consistência interna considerada razoável, enquanto na subescala DF obteve uma consistência interna fraca ( $\alpha = 0,68$ ), de

acordo com os valores postulados por Pestana e Gageiro (2008).

Foi verificada a fiabilidade de todos os instrumentos utilizados, através do estudo da consistência interna, através do cálculo do *alpha* de *Cronbach*, sendo considerado consistência interna adequada valores  $\geq 0.60$ .

Em todas as análises estatísticas foram considerados valores de significância de  $p \leq .05$ .

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para averiguar se existiam correlações entre duas variáveis intervalares (Martins, 2015), ou seja, para analisar se existiam associações entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar.

## Resultados

De seguida é exposto os resultados obtidos no presente estudo.

De forma a facilitar a análise das dimensões do SCORE-15, a dimensão recursos familiares foi invertida. Assim, as pontuações mais baixas significam menores recursos nas famílias e pontuações mais altas, um maior índice de recursos familiares. As dimensões comunicação e dificuldades familiares foram também invertidas, como sugerido pelos autores do SCORE-15 (Stratton et al., 2010). Deste modo, quanto mais elevadas as pontuações, maiores são as dificuldades e problemas de comunicação nas famílias. Nas dificuldades familiares evidencia-se uma pontuação média baixa ( $M = 2,07$ ;  $DP = 0,72$ ) inferior à comunicação ( $M = 2,10$ ;  $DP = 0,70$ ), indicando uma menor consciência sobre as dificuldades no seio familiar relativamente à disfuncionalidade na comunicação. Nos recursos identifica-se uma pontuação média baixa ( $M = 1,95$ ;  $DP = 0,73$ ), indicando que neste estudo não existe consciência relativamente à procura de recursos (Tabela 3).

**Tabela 3**

*Descritiva do instrumento SCORE-15*

	N	M	DP
Recursos Familiares	811	1,95	,731
Comunicação na Família	811	2,10	,703
Dificuldades Familiares	811	2,07	.719

A partir da realização do teste de correlação de *Pearson* verificou-se que existe correlações negativas em todas as hipóteses de investigação.

No que concerne a Q1 “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos?”, foram encontradas correlações negativas entre o funcionamento familiar em adultos e a sabedoria ( $r = -.227, p \leq .001$ ), coragem ( $r = -.316, p \leq .001$ ), humanidade ( $r = -.340, p \leq .001$ ), justiça ( $r = -.318, p \leq .001$ ), temperança ( $r = -.223, p \leq .001$ ) e transcendência ( $r = -.252, p \leq .001$ ).

No que se refere a Q2 “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e os recursos familiares?”, foram encontradas correlações negativas entre os recursos familiares e a sabedoria ( $r = -.171, p \leq .001$ ), coragem ( $r = -.285, p \leq .001$ ), humanidade ( $r = -.311, p \leq .001$ ), justiça ( $r = -.274, p \leq .001$ ), temperança ( $r = -.187, p \leq .001$ ) e transcendência ( $r = -.239, p \leq .001$ ).

No que se respeita à Q3 “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e a comunicação na família?”, foram encontradas correlações negativas entre a comunicação na família e a sabedoria ( $r = -.193, p \leq .001$ ), coragem ( $r = -.257, p \leq .001$ ), humanidade ( $r = -.283, p \leq .001$ ), justiça ( $r = -.277, p \leq .001$ ), temperança ( $r = -.214, p \leq .001$ ) e transcendência ( $r = -.185, p \leq .001$ ).

No que se respeita à Q4 “Será que existe uma relação entre as dimensões das virtudes e as dificuldades familiares?”, foram encontradas correlações negativas entre as dificuldades familiares e a sabedoria ( $r = -.220, p \leq .001$ ), coragem ( $r = -.272, p \leq .001$ ), humanidade ( $r = -.282, p \leq .001$ ), justiça ( $r = -.269, p \leq .001$ ), temperança ( $r = -.175, p \leq .001$ ) e transcendência ( $r = -.224, p \leq .001$ ) (Tabela 4).

#### Tabela 4

*Correlações entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
1.Sabedoria	-	,572**	,441**	,465**	,451**	,483**	-,171**	-,193**	-,220**	-,227**
2.Coragem		-	,562**	,552**	,410**	,573**	-,285**	-,257**	-,272**	-,316**
3.Humanidade			-	,639**	,371**	,557**	-,311**	-,283**	-,282**	-,340**
4.Justiça				-	,440**	,448**	-,274**	-,277**	-,269**	-,318**
5.Temperança					-	,395**	-,187**	-,214**	-,175**	-,223**
6.Transcendência						-	-,239**	-,185**	-,224**	-,252**
7.Recursos Familiares							-	,576**	,548**	,826**
8.Comunicação na Família								-	,711**	,883**
9.Dificuldades Familiares									-	,874**
10.Funcionamento Familiar Score Total										-

\*\*  $p < .001$

## Discussão dos Resultados

De seguida é apresentado a discussão de resultados obtidos no presente estudo.

A sociedade moderna tem sofrido modificações nos padrões familiares e no funcionamento familiar (Alboim, 2006; Dias, 2011; Sousa, 2006), o que demonstra a pertinência de investigações neste sentido. Posto isto, o principal objetivo deste estudo prende-se com a descrição e análise das dimensões virtudes ao nível do funcionamento familiar, posto isto, observar a sua relação.

No que concerne as correlações, foi possível concluir que, quanto menor a disfuncionalidade familiar, existe uma melhor comunicação, utiliza-se mais recursos e existe menos dificuldades familiares. Posto isto, as virtudes estão negativamente relacionadas com as dificuldades familiares.

### **H1: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e o funcionamento familiar em adultos.**

Neste estudo, foram encontradas correlações negativas entre todas as dimensões das virtudes e funcionamento familiar total em adultos.

Já em 1998, Baumrind defendeu que o caráter se refere a hábitos positivos e cultivados através da partilha social, compromisso moral, autodisciplina e determinação. Estas diferentes noções sobre virtudes surgem com a ideia de que o caráter pode ser cultivado por bons pais, educação e socialização através de práticas habituais. Desde crianças é possível observar diferenças individuais em alguns dos componentes do caráter.

Tal como Guilham e seus colegas (2011) observaram, as forças de caráter podem ser moldadas e influenciadas por fatores sociais e contextuais, portanto podem ser moldadas, adquiridas e ensinadas através da prática (Crossan et al., 2013). O mais importante dos fatores referidos anteriormente pode ser considerado a família, a sociedade e a educação (Gillham et al., 2011; Rashid et al., 2013).

Inúmeros estudos empíricos realizados até o momento, defendem que o desenvolvimento de componentes individuais do caráter como uma construção multidimensional. Independentemente disso, podemos ter certeza de que uma variedade de influências contribui para o desenvolvimento de um bom caráter. Primeiro, os fatores

biológicos podem potencializar o desenvolvimento do caráter. Por exemplo, estudos de gêmeos com adultos e crianças pequenas mostraram que comportamentos empáticos e padrões sociais de comportamento são hereditários (Matthews et al. 1981; Zahn et al. 1992). Além disso, investigações de temperamento documentaram como diferenças individuais de base biológica em sociabilidade, emocionalidade e nível de atividade canalizam o desenvolvimento subsequente da personalidade.

Damon (1988), argumentou que os pais desempenham um papel crucial no desenvolvimento do caráter das crianças. Os resultados da investigação são consistentes com essa afirmação. Existe um consenso generalizado entre os pais sobre a importância de promover os valores e as forças de caráter das crianças. Os pais enfatizam intuitivamente certos traços de caráter que parecem importantes, como respeito pelas outras pessoas, empatia, tolerância, honestidade, gentileza, paciência, mente aberta, aceitação, responsabilidade e autocontrole (Berkowitz & Grych, 1998).

As relações estabelecidas no contexto familiar pedem responsividade e são fonte de suporte social, encorajamento emocional e aconselhamento, auxiliando no desenvolvimento de habilidades sociais de crianças e adolescentes (Del Prette & Del Prette, 2005; Korkiamäki, 2011).

Um estudo do Reino Unido mostrou que os maiores contribuintes para o bem-estar das crianças são a família, bem como a capacidade de tomar decisões sobre a vida (Rees et al., 2012). Este efeito relativo à família também foi observado noutro estudo realizado com crianças da Irlanda, onde o tempo passado com a família foi positivamente associado ao bem-estar (McAuley et al., 2012). A frequência de atividades familiares também foi encontrada relacionada aos níveis de bem-estar subjetivo das crianças, em um estudo com dados de 11 países. Os autores também descobriram que a vida familiar, escolar e comunitária tem efeitos significativos sobre o bem-estar subjetivo das crianças (Lee & Yoo, 2015).

Num estudo realizado por Raimundi e seus colegas (2019), sobre os perfis de funcionamento familiar e as forças de caráter em jovens atletas da Argentina, observou-se que o funcionamento familiar apresenta relações com a persistência, entusiasmo, esperança, perseverança, gentileza e trabalho em equipa. Além disto, os adolescentes com funcionamento familiar positivo relatam mais persistência e esperança do que adolescentes com funcionamento familiar negativo. Acrescentaram ainda que,

adolescentes com funcionamento familiar positivo relataram níveis significativamente mais altos de trabalho em equipa e gentileza do que adolescentes com funcionamento familiar negativo. Portanto, tal como observado neste estudo, as virtudes estão relacionadas com o funcionamento familiar positivo.

Num estudo realizado em 2004, Park e seus colaboradores identificaram que apesar de as forças de carácter na totalidade estejam associadas à satisfação com a vida, a relação positiva com a satisfação com a vida e a felicidade está particularmente relacionada com forças como esperança, entusiasmo, gratidão, amor e curiosidade (Lee et al. 2015; Ovejero et al. 2016; Park et al. 2004; Proyer et al. 2011).

Estes resultados corroboram com trabalhos realizados com a população em geral, que demonstraram que a perceção dos adolescentes sobre o seu contexto familiar está associada à perceção das suas próprias forças de carácter (Giménez, 2010; Sek-yum Ngai, 2015).

Portanto, sendo que o SCORE-15 avalia a disfuncionalidade familiar existe uma relação negativa entre todas as virtudes e o funcionamento familiar em adultos, sendo congruente com o observado nos diferentes estudos. Deste modo, compreende-se que o funcionamento familiar dos sujeitos avaliados é funcional e, que todas as virtudes – Sabedoria, Coragem, Humanidade, Justiça, Temperança e Transcendência - se relacionam negativamente com o disfuncionamento familiar.

## **H2: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e os recursos familiares.**

Neste estudo, foram encontradas correlações negativas entre todas as dimensões das virtudes e os recursos familiares. Especificamente, a virtude sabedoria apresenta valores mais elevados de correlação com a variável recursos familiares.

Se os recursos dizem respeito às competências que as famílias têm para trabalhar e lidar com o *stress* criado por momentos de mudança (Echevarria-Doan, 2016; Stratton et. al., 2010), é então importante compreender como as famílias podem proporcionar o bem-estar nos seus integrantes. A tentativa de compreender o efeito das relações familiares e do funcionamento familiar no bem-estar subjetivo também foi o foco de investigadores envolvidos com indicadores sociais, principalmente em função das mudanças rápidas ocorridas na vida familiar ao longo das últimas décadas (Forssén & Ritakallio, 2006). Melton e Limber (1992) defendem que incluir o ponto de vista das crianças é importante

não apenas porque elas diferem das dos adultos, mas porque isso respeita as crianças como pessoas, informa melhor os formuladores de políticas, fornece uma base para a defesa da criança e melhora a socialização legal e política das crianças.

Estudos recentes indicam que ter participação nas decisões familiares aumenta o bem-estar dos membros da família, sentindo-se valorizados quando são incluídos (González et al., 2015).

Werner (2005) apresenta evidências de estudos longitudinais de larga escala (por exemplo, Masten & Powell, 2003; Rutter, 2000; Werner & Smith, 1992) demonstrando que sujeitos que apresentam determinados atributos individuais – pouca angústia, temperamento ativo, social, autonomia, maturidade social, inteligência acima da média, motivação para grandes conquistas, autoconceito positivo, *locus* interno de controle, boa capacidade de comunicação e resolução de problemas, talento ou habilidade especial e crença de que as suas ações podem fazer uma diferença positiva - lidaram com o stress e adversidades de forma adequada. Também alguns recursos externos da família e da comunidade ajudaram os integrantes a lidar com as adversidades, como os laços afetivos que estimulam a confiança, a autonomia e a iniciativa, fornecidos pelo cuidador principal, avós ou irmãos mais velhos.

Peterson, Park e Seligman (2006), observaram que indivíduos que recuperaram de uma doença física ou de um distúrbio psicológico obtiveram pontuações mais altas em algumas forças de caráter (por exemplo, curiosidade) do que indivíduos sem esse histórico. Noutro estudo, Peterson e seus colegas (2008) descobriram que quanto mais eventos traumáticos os indivíduos haviam vivenciado, maiores eram suas pontuações na maioria das forças de caráter. Estes estudos sugerem que a recuperação leva ao desenvolvimento de pontos fortes.

Raimund e seus colegas (2019), no seu estudo mostram que os pais que formam um vínculo positivo com os seus filhos atletas, são aqueles que detêm as habilidades necessárias para selecionar oportunidades apropriadas e fornecer o suporte necessário, que podem promover e manter relacionamentos saudáveis com outras pessoas significativas, e que conseguem adaptar a sua participação e o tipo de apoio que prestam às diferentes fases da carreira do seu filho (Harwood & Knight, 2015). Assim, estes pais permitem o desenvolvimento de características positivas que são recursos não só para o desporto, mas para a vida (Rashid et al., 2013).



Tal como o estudo de Peterson, Park e Seligman (2006), os resultados deste estudo são congruentes, onde apesar de todas as virtudes estarem relacionadas negativamente com os recursos familiares, a virtude sabedoria apresenta um valor mais elevado, significando que os integrantes do estudo apresentam boa capacidade de reflexão em diferentes momentos, interessam-se pela descoberta e exploração, têm a mente aberta modificando o modo de pensamento sempre que necessário e, tem a capacidade de aconselhar sabiamente os outros, observando o mundo de forma a fazer mais sentido para si e para os outros. Posto isto, uma família que apresente a virtude sabedoria terá mais capacidade para se adaptar e gerir o *stress* em diferentes momentos.

### **H3: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e a comunicação na família”**

Neste estudo, foram encontradas correlações negativas entre todas as dimensões das virtudes e a comunicação a família.

Neste sentido, Koerner e Fitzpatrick (2002) verificaram que o modo como as famílias comunicam têm implicações fundamentais para o desenvolvimento social e bem-estar dos membros da família.

Golish (2003) realizou um estudo para compreender se existe estratégias de comunicação que se diferenciam entre famílias consideradas “fortes” das famílias que têm mais dificuldades de adaptação após divórcio e novo casamento. Os resultados demonstraram que famílias fortes têm mais conversas quotidianas, mais abertura e, envolvem-se mais na resolução de problemas familiares (entre outras estratégias), ao contrário das famílias que estão a passar por um processo de desenvolvimento.

De igual modo, Schrodts (2005) explorou até que ponto os tipos de comunicação familiar facilitam o funcionamento familiar em famílias no primeiro casamento. Os resultados indicaram que a expressividade familiar foi positivamente associada à coesão e adaptabilidade familiar. Dado que a coesão e a adaptabilidade familiares representam a extensão em que os membros da família estão emocionalmente ligados e flexíveis na resposta à mudança, pode-se argumentar que existem padrões semelhantes entre ambientes de comunicação familiar, força familiar e satisfação.

Num estudo realizado por Schrodts (2009), observou-se que a comunicação familiar está relacionada com as forças e com a satisfação familiar. Logo, os resultados deste estudo são congruentes com o de Schrodts (2009).

Num estudo realizado por Raimundi e seus colegas (2019), sobre os perfis de funcionamento familiar e as forças de caráter em jovens atletas da Argentina, observou-se que a comunicação negativa tem correlações negativas com as forças de caráter (persistência, entusiasmo, esperança, perseverança, gentileza e trabalho em equipa).

Muhajir (2022), concluiu que existem três razões fundamentais para que a comunicação familiar é tão importante. Primeiro, a comunicação familiar é uma experiência precoce na vida social. Nessa primeira experiência, observar e interagir com os familiares é usado como base para o desenvolvimento da comunicação. Em segundo lugar, a comunicação desempenha um papel no estabelecimento, manutenção e quebra de relacionamentos entre os membros da família. Através da interação social, cada membro da família molda a sua personalidade. Em terceiro lugar, as relações interpessoais entre as famílias refletem-se na comunicação. A comunicação é considerada um indicador da qualidade das relações na família.

Neste sentido, verifica-se nos estudos acima que, as famílias que apresentam melhores níveis de comunicação familiar tendem a ter um melhor funcionamento familiar, moldando deste modo a sua personalidade.

Logo, os resultados deste estudo são consistentes com os de Raimundi e colaboradores (2019) e Schrodts (2009).

Desta forma, é perceptível que as virtudes se relacionam com a comunicação familiar, sugerindo que um nível mais alto de virtudes pode permitir às famílias terem uma melhor comunicação, mais adaptativa, com mais abertura para a experiência, mais diálogo sobre o dia-a-dia, uma maior valorização sobre a beleza de uma conversa, maior gratidão, maiores níveis de humor e, de espiritualidade.

Num estudo realizado por Martin e Nakayana (2003), observaram o impacto que os valores culturais podem influenciar o padrão de comunicação familiar. Para os mesmos autores, quando se trata do papel da cultura na formação de modelos de comunicação, um dos componentes da cultura que desempenha um papel na formação de modelos de comunicação é a sabedoria. A sabedoria contém valores éticos e morais. Esses valores

são integrados na vida das pessoas para orientar a ação, fornecer uma base sólida para a interação com a natureza, a gestão ambiental e estabelecer relações mais harmoniosas entre as pessoas e a natureza. Portanto, estes resultados vão de encontro aos resultados obtidos na presente investigação.

#### **H4: Existe uma relação entre as dimensões das virtudes e as dificuldades familiares”**

Neste estudo, foram encontradas correlações negativas entre todas as dimensões das virtudes e as dificuldades familiares. Posto isto, virtudes estão negativamente relacionadas com dificuldades familiares.

Considerando que um funcionamento individual onde os indivíduos são mais ou menos virtuosos, o funcionamento familiar segue este raciocínio.

Um estudo demonstrou que, forças de caráter como a esperança, o entusiasmo, gratidão, generosidade, espiritualidade e justiça, estão associados a menos problemas emocionais, como a depressão e a ansiedade (Niemiec 2013; Park e Peterson 2008; Zhou et al. 2013; Luna e MacMillan 2015; Tehranchi et al. 2018).

Outra pesquisa realizada por Li e seus colegas (2017), demonstra que os indivíduos que apresentem mais pontos das forças de caráter estão mais propensos a vivenciarem as situações como menos stressantes.

Neste sentido e, tal como observado no estudo realizado, os resultados dos estudos relatados anteriormente corroboram os resultados obtidos, sendo que, quando as famílias apresentam menos virtudes têm maiores dificuldades familiares. Ou seja, quando não estão presentes no seio familiar forças de caráter como as relatadas no estudo acima, as dificuldades familiares são maiores, havendo maiores problemas emocionais.

Observou-se que adolescentes com apoio familiar utilizam estratégias mais eficazes e têm efeitos positivos no ajustamento emocional. Em contrapartida, a falta de apoio emocional é um fator de risco para problemas psicológicos (Hombra-dos-Mendieta, Gomez-Jacinto, Dominguez-Fuentes, Garcia-Leiva, & Castro-Trave, 2012). Posto isto, é importante dar o devido valor ao apoio do suporte familiar, porque a família pode ter efeitos adaptativos contra os problemas (Mendieta, et, al., 2012).

Embora exista uma relação significativa entre o apoio social familiar e as forças de caráter como, gostar de aprender, honestidade, entusiasmo, perdão, trabalho em equipa,

criatividade, bravura, humildade, esperança e espiritualidade. Como estudou Niemiec (2019), as forças de caráter protegem os indivíduos em situações difíceis e, ao reavaliar os problemas, proporciona melhores estratégias e, promove para a sua resiliência. Explicando os resultados obtidos no estudo, pode-se dizer que a existência de pontos fortes nos indivíduos de uma família e, que se houver a consciencialização destes, pode auxiliar a que haja menos dificuldades familiares, focando-se em como utilizar os pontos fortes diante de inúmeros problemas.

Num estudo realizado por Hombrados-Mendieta e seus colegas (2012), observou-se que os indivíduos que recebem mais apoio familiar utilizam estratégias de *cooping* mais eficazes e têm mais efeitos positivos no ajustamento individual e, é um dos recursos mais importantes para lidar com as dificuldades, nomeadamente a mudança. Ao explicar estes resultados, é possível se aferir que um relacionamento familiar construtivo em situação stressantes, apresenta um papel significativo na redução da ansiedade e das preocupações, amenizando as dificuldades familiares.

Deste modo, verifica-se que, tal como nos estudos acima, as forças de caráter apresentam uma relação com as dificuldades familiares, sendo que, quanto maior o número de virtudes e, de que forma os indivíduos as usam, menor as dificuldades familiares, protegendo os indivíduos nas situações difíceis.

### **Limitações do Estudo**

O presente estudo apresenta algumas limitações.

A primeira limitação deve-se ao facto de alguns participantes que responderam ao primeiro momento de avaliação, não terem respondido ao segundo momento e vice-versa. Estudos futuros deverão ter cuidado na escolha dos participantes.

Outra das limitações deve-se ao facto de um dos questionários utilizados como instrumento, o questionário de avaliação do funcionamento familiar (SCORE-15) ser bastante recente, não havendo ainda muitos estudos realizados com este questionário.

Uma das limitações na realização deste estudo reside no facto de não haver estudos que abordem virtudes e funcionamento familiar, devido à escassez de investigações sobre este tema.

Uma das vantagens desta investigação ter sido realizada em colaboração com o Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento (CIPD), na Universidade

Lusíada-Porto, onde os dados foram recolhidos, no âmbito de um projeto mais vasto – Personalidade e Funcionamento Positivo (referência: CIPD/2122/PERS/3), foi a possibilidade de expandir a amostra, estando os instrumentos inseridos em protocolos mais extensos. Neste sentido, uma limitação podia surgir e, tal se verificou sendo que, o tamanho da amostra pode ter trazido desistências por parte dos participantes entre os momentos.

Todavia, acredito que os resultados deste estudo contribuíram para aumentar a perceção sobre esta temática, sendo os resultados são de grande importancia no campo da Psicologia, sendo que este estudo contribui para o desenvolvimento da área da Psicologia, nomeadamente ao nível da personalidae, porque desenvolveu uma compreensão mais holística sobre as virtudes e a sua relação com o funcionamento familiar.

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., Wall, S., (1978). *Patterns of Attachment*. Erlbaum.
- Akhlaq, A., Malik, N. I., & Khan, N. A. (2013). Family communication and family system as the predictorsoffamily satisfaction. *Science Journal of Psychology*.
- Alarcão, M. (2002). (DES) *Equilíbrios familiares*. Quarteto.
- Alarcão, M. (2006). (DES) *Equilíbrios familiares* (3ªEd.). Quarteto Editora.
- Aspinwall L. G., Taylor S. E. (1992). Modeling cognitive adaptation: A longitudinal investigation of the impact of individual differences and coping on college adjustment and performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 989-1003. Crossref. PubMed.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice Hall.
- Baumrind, D. (1998). Reflections on character and competence. In A. Colby, J. James, & D. Hart (Eds.), *Competence and character through life* (pp. 1-28). Chicago: The University of Chicago Press.
- Baumrind, D., 1967. Práticas de cuidado infantil antecedendo 3 padrões de pré-escola comportamento. *Monografias de psicologia genética* 75, 43-88.
- Bernstein, D., & Fink, L. (1998). *Childhood Trauma Questionnaire: A retrospective self-report*. Manual. San Antonio, TX: The Psychological Cooperation.
- Biasoli-Alves, M. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. *Pesquisando a família: olhares contemporâneos* (pp. 91 - 106). Papa-livro
- Boterhoven de Haan KL, Hafekost J, Lawrence D, Sawyer MG, Zubrick SR. Reliability and validity of a short version of the general functioning subscale of the McMasterFamily assessment device. *Fam Process*. 2015;54(1):116–23.
- Botvin, G. J., Baker, E., Dusenbury, L., Botvin, E. M., & Diaz, T. (1995). Long-term follow-up results of a randomized drug abuse prevention trial in a white middle-class population. *Journal of the American Medical Association*, 273, 1106-1112.
- Bowlby, J., 1969. Anexo e Perda: Vol. 1. Anexo. Livros Básicos. Brewin, CR,
- Bray, H. (1995). Family Assessment: current issues in evaluating families. *Fam Relations*, 44: 469 - 77. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000600007>.

- Bray, H. (1995). Family Assessment: current issues in evaluating families. *Fam Relations*, 44: 469 - 77. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000600007>.
- Bray, H. (1995). Family Assessment: current issues in evaluating families. *Fam Relations*, 44: 469 - 77. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000600007>.
- Brdar, I., & Kashdan, T. B. (2010). Character strengths and well-being in Croatia: An empirical investigation of structure and correlates. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 151–154. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.12.001>
- Brdar, I., & Kashdan, T. B. (2010). Character strengths and well-being in Croatia: An empirical investigation of structure and correlates. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 151–154. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.12.001>
- Carr, A. (2016). How and why do family and systemic therapies work? Keynote address to AAFT, Melbourne, 2015. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 37, 37–55. doi: 10.1002/anzf.1135
- Chemers M. M., Hu L., Garcia B. F. (2001). Academic self-efficacy and first-year college student performance and adjustment. *Journal of Educational Psychology*, 93, 55-64. [Crossref](#).
- Cicchetti, D., 2004. Uma odisseia de descoberta: lições aprendidas ao longo de três décadas de pesquisa sobre maus-tratos infantis. *American Psychologist* 59, 731-741.
- Cloninger, C. R. (2004). *Feeling good: The science of well-Being*. Oxford University Press.
- Cloninger, C. R. (2005). Review of character strengths and virtues: A handbook and classification. *American Journal of Psychiatry*, 162(4), 820–821. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.162.4.820-a>
- Cloninger, C. R., Keady, B., Lester, N., Kedia, S., & Cloninger, K. M. (2015). Empirical measurement of Plato’s model of the human psyche: Validation by the neuroscience of personality. In D. Stoyanov (Ed.), *Towards a new philosophy of mental health: Perspectives from neuroscience and humanities* (pp. 128–155). Cambridge Scholars Publishing.
- Cloninger, C. R., Svrakic, D. M., & Przybeck, T. R. (1993). A psychobiological model of temperament and character. *Archives of General Psychiatry*, 50(12), 975–990. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1993.01820240059008>

- Cloninger, C. R., Svrakic, N. M., & Svrakic, D. M. (1997). Role of personality self-organization in development of mental order and disorder. *Development and Psychopathology*, 9 (4), 881–906. <https://doi.org/10.1017/S095457949700148X>
- Colby, A., & Damon, W. (1992). *Some do care: Contemporary lives of moral commitment*. New York: Free Press.
- Crossan, M., Mazutis, D., & Seijts, G. (2013). In search of virtue: The role of virtues, values and character strengths in ethical decision making. *J Bus Ethics*, 113, 567–581. doi:10.1007/s10551-013-1680-8
- Daly-White, M. (2013). Validation of the Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE) with adult mental health service users (Unpublished doctoral DPsychSc Thesis). UCD, Dublin, Ireland.
- Damon, W. 1988. *The moral child: Nurturing children's natural moral growth*. Free Press.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Editora Vozes.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*. 19, 139 - 156.
- Dias, M. O. (2011). "Um Olhar Sobre a Família na Perspetiva Sistémica: O Processo de Comunicação no Sistema Familiar" *Gestão e desenvolvimento*. Viseu: UCP
- Dias, O. (2000). A família numa sociedade em mudança: Problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Duckworth A. L., Peterson C., Matthews M. D., Kelly D. R. (2007). Grit: Perseverance and passion for long-term goals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 1087-1181. [Crossref PubMed](#)
- Dunn, J., & Plomin, R. (1992). *Separate lives: Why siblings are so different*. Basic Books.
- Dunning, M. J., & Giallo, R. (2012). Fatigue, parenting stress, self-efficacy and satisfaction in mothers of infants and young children. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 30, 145-159. doi: 10.1080/02646838.2012.693910



- Emmons R. A., McCullough M. E. (2003). Counting blessings versus burdens: An experimental investigation of gratitude and subjective well-being in daily life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 377-389. [Crossref](#). [PubMed](#).
- Epstein NB, Bishop DS, Levin S. The McMaster model of family functioning. *J Marital Fam Ther.* 1978;4(4):19–31.
- Fay, D., Carr, A., O'Reilly, K., Cahill, P., Dooley, B., Guerin, S. et al. (2013). Irish norms for the SCORE-15 and 28 from a national telephone survey. *Journal of Family Therapy*, 35(1), 24–42. doi:doi: 10.1111/j.1467-6427. 2011.00575.x
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(3), 297-304. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300001
- Fitzhenry, M. (2015). Childhood maltreatment and adult psychopathology: A study based on the Waterford mental health survey (Unpublished doctoral DPsychSc thesis). UCD, Dublin, Ireland.
- Fitzhenry, M., Harte, E., Carr, A., Keenleyside, M., O'Hanrahan, K., Daly White, M. et al. (2015). Child maltreatment and adult psychopathology in an Irish context. *Child Abuse and Neglect*, 45, 101–107. doi:10.1016/j.chi abu.2015.04.021
- Forssén, K., & Ritakallio, V. (2006). First births: A comparative study of the patterns of transition to parenthood in Europe. In J. Bradshaw & A. Hatland (Eds.), *Social policy, employment and family change in comparative perspective* (pp. 161–177). Edward Elgar.
- Francisco R., Loios, S., & Pedro, M. (2016). Family functioning and adolescent psychological maladjustment: The mediating role of coping strategies. *Child Psychiatry & Human Development*, 47, pp. 759-770. DOI 10.1007/s10578-015- 0609-0
- Froh J. J., Emmons R. A., Card N. A., Bono G., Wilson J. (2011). Gratitude and the reduced costs of materialism in adolescents. *Journal of Happiness Studies*, 12, 289-302. [Crossref](#).
- Galvin, K. M. Braithwaite D. O. e Bylund, C. L. (2015). *Family Communication: Cohesion and Change*. Routledge.

- Gillham, J., Adams-Deutsch, Z., Werner, J., Reivich, K., Coulter-Heindl, V., Linkins, M., . . . Seligman, M. E. (2011). Character strengths predict subjective well-being during adolescence. *The Journal of Positive Psychology*, 6(1), 31-44. doi: 10.1080/17439760.2010.536773
- Giménez, M. (2010). *La medida de las fortalezas psicológicas en adolescentes (VIA-Youth): Relación con clima familiar, psicopatología y bienestar psicológico* (Tesis doctoral). Universidad Complutense de Madrid. Retrieved from [http://eprints.ucm.es/11578/1/T32253.pdf?origin=publication\\_detail](http://eprints.ucm.es/11578/1/T32253.pdf?origin=publication_detail)
- Giménez, M. (2010). *La medida de las fortalezas psicológicas en adolescentes (VIA-Youth): Relación con clima familiar, psicopatología y bienestar psicológico* (Tesis doctoral). Universidad Complutense de Madrid, España. Retrieved from [http://eprints.ucm.es/11578/1/T32253.pdf?origin=publication\\_detail](http://eprints.ucm.es/11578/1/T32253.pdf?origin=publication_detail)
- Goldberg, L. R. (2006). Doing it all Bass-Ackwards: The development of hierarchical factor structures from the top down. *Journal of Research in Personality*, 40(4), 347–358. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2006.01.001>
- Golish, D. (2003). Stepfamily communication strengths: Understanding the ties that bind. *Human Communication Research*, 29, 41–80
- Harte, E. (2013). Recollections of childhood maltreatment in adults with mental health problems (Unpublished doctoral DPsychSc thesis). UCD, Dublin, Ireland
- Harzer, C., & Ruch, W. (2015). The relationships of character strengths with coping, work-related stress, and job satisfaction. *Frontiers in Psychology*, 6, 165. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00165
- Hobfoll, S. E., & Spielberger, C. D. (1992). Family Stress: Integrating theory and measurement. *Journal of Family Psychology*, 6(2), 99-112. doi:10.1037/0893-3200.6.2.99
- Hombrados-Mendieta, I., Gomez-Jacinto, L., Dominguez-Fuentes, M., Garcia-Leiva, P., & Castro-Trave, M. (2012). Types of social support provided by parents, teachers and classmates during adolescence, *Journal of Community Psychology*, 33, 645- 664.

- Huan V. S., Yeo L. S., Ang R. P., Chong W. H. (2006). The influence of dispositional optimism and gender on adolescents' perception of academic success. *Adolescence*, 41, 533-546. [PubMed](#).
- Jacobson, N., & Truax, P. (1991). Clinical significance: A statistical approach to defining meaningful change in psychotherapy research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 12–19.
- Jacobson, N., & Truax, P. (1991). Clinical significance: A statistical approach to defining meaningful change in psychotherapy research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 12–19.
- Jefferson, T. (1819, October 31). Letter to William Short. In M. D. Peterson (Ed.) (1994). *Thomas Jefferson: Writings* (pp. 1430-1433). Library of America.
- Josefsson, K., Jokela, M., Cloninger, C. R., Hintsanen, M., Salo, J., Hintsala, T., Pulkki-Råback, L., & Keltikangas-Järvinen, L. (2013). Maturity and change in personality: Developmental trends of temperament and character in adulthood. *Development and Psychopathology*, 25(3), 713–727. <https://doi.org/10.1017/S0954579413000126>
- Jovanovic V., Brdaric D. (2012). Did curiosity kill the cat? Evidence from subjective well-being in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 52, 380-384. [Crossref](#).
- Jovanovic V., Vavrilov-Jerkovic V. (2014). The good, the bad (and the ugly): The role of curiosity in subjective well-being and risky behaviors among adolescents. *Scandinavian Journal of Psychology*, 55, 38-44. [Crossref](#). [PubMed](#).
- Kalmijn M, Uunk W. Regional value differences in Europe and the social consequences of divorce: A test of the stigmatization hypothesis. *Soc Sci Res*. 2007;36(2):447–68.
- Kashdan T. B., Gallagher M. W., Silvia P. J., Winterstein B. P., Breen W. E., Terhar D., Steger M. F. (2009). The Curiosity and Exploration Inventory–II: Development, factor, structure, and psychometrics. *Journal of Research in Personality*, 43, 987-998. [Crossref](#). [PubMed](#).
- Kashdan T. B., McKnight P. E., Fincham F. D., Rose P. (2011). When curiosity breeds intimacy: Taking advantage of intimacy opportunities and transforming boring conversations. *Journal of Personality*, 79, 1369-1401. [Crossref](#) [PubMed](#).

- Kashdan T. B., Rose P., Fincham F. D. (2004). Curiosity and exploration: Facilitating positive subjective experiences and personal growth opportunities. *Journal of Personality Assessment*, 82, 291-305. [Crossref](#). [PubMed](#).
- Keady, B. (2011). Intuitive Virtue in Plato, Augustine, and Gandhi (PhD Dissertation). University of Denver.
- Keady, B. (2011). Intuitive Virtue in Plato, Augustine, and Gandhi (PhD Dissertation). University of Denver.
- Koerner, F., & Fitzpatrick, A. (2002a). Toward a theory of family communication. *Communication Theory*, 12, 70–91.
- Koerner, F., & Fitzpatrick, A. (2002b). Understanding family communication patterns and family functioning: The roles of conversation orientation and conformity orientation. In W. B. Gudykunst (Ed.), *Communication Yearbook 26* (pp. 36–68). Mahwah Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Koerner, F., & Fitzpatrick, A. (2002c). You never leave your family in a fight: The impact of families of origins on conflict-behavior in romantic relationships. *Communication Studies*, 53, 234–251.
- Korkiamäki, R. (2011). Support and control among ‘friends’ and ‘special friends’: Peer groups’ social resources as emotional and moral performances amidst teenagers. *Children & Society*, 25(2), 104–114. <https://doi.org/10.1111/j.1099-0860.2009.00262.x>
- Lee, E. J., Jackson, B., Parker, V., DuBose, L., & Botchway, P. (2009). Influence of family resources and coping behaviors on well-being of african american and caucasian parents of school-age children with asthma. *ABNF Journal*, 20(1), 5- 11.
- Li, T., Duan, W., & Guo, P. (2017). Character strengths, social anxiety, and physiological stress reactivity. *Peer J*, 5, e3396. <https://doi.org/10.7717/peerj.3396>.
- Littman-Ovadia, H., & Lavy, S. (2012). Character strengths in Israel: Hebrew adaptation of the VIA inventory of strengths. *European Journal of Psychological Assessment*, 28(1), 41–50. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000089>
- Lopes, M. F. (2008). Luto Parental Qualidade de Vida, Stress e Coping Face a Crise (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia.

- Lopes, R. H . R. (2008). Estudo de Validade do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) numa amostra da população geral portuguesa (Tese de Mestrado não Publicada) Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia.
- Luna, N., & MacMillan, T. (2015). The relationship between spirituality and depressive symptom severity, psychosocial functioning impairment, and quality of life: Examining the impact of age, gender, and ethnic differences. *Mental Health, Religion & Culture*, 18, 513–525. <https://doi.org/10.1080/13674676.2015.1087481>.
- Ma, J. J., Wong, T. Y., Lau, L. K., & Shuk Han, P. (2009). Perceived Family Functioning and Family Resources of Hong Kong Families: Implications for Social Work Practice. *Journal Of Family Social Work*, 12(3), 244-263. doi:10.1080/10522150903030147
- Maccoby, E (2000). Parentalidade e seus efeitos nas crianças: na leitura e interpretando incorretamente a genética do comportamento.
- Martin, M. W. (2007). Happiness and virtue in positive psychology. *Journal for the theory of social behaviour*, 37(1), 89-103. doi: 10.1111/j.1468-5914.2007.00322.x.
- Matthews, K. A., C. D. Batson, J. Horn, and R. H. Rosenman. 1981. “Principles in his nature which interest him in the fortunes of others . . .”: The heritability of empathic concern for others. *Journal of Personality* 49:237-47.
- McAuley, C., McKeown, C., & Merriman, B. (2012). Spending time with family and friends: Children’s views on relationships and shared activities. *Child Indicators Research*, 5(3), 449– 467. <https://doi.org/10.1007/s12187-012-9158-2>
- McCubbin, M. A. (1989). Family stress and family strengths: A comparison of single-and two-parent families with handicapped children. *Research in Nursing & Health*, 12(2), 101-1010. doi: 10.1002/nur.4770120207
- McGrath, E. (2020). Darwin meets Aristotle: Evolutionary evidence for three fundamental virtues. *The Journal of Positive Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/17439760.2020.1752781>
- McGrath, E., Greenberg, J., & Hall-Simmonds, A. (2018). Scarecrow, Tin Woodsman, and Cowardly Lion: The three-factor model of virtue. *The Journal of Positive Psychology*, 13(4), 373–392. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1326518>

- McGrath, R. E. (2014). Scale- and item-level factor analyses of the VIA inventory of strengths. *Assessment*, 21(1), 4–14. <https://doi.org/10.1177/1073191112450612>
- McGrath, R. E. (2015). Integrating psychological and cultural perspectives on virtue: The hierarchical structure of character strengths. *The Journal of Positive Psychology*, 10(5), 407–424. <https://doi.org/10.1080/17439760.2014.994222>
- Melton, G. B., & Limber, S. (1992). What children’s rights mean to children: Children’s own views. In M. Freeman & P. Veerman (Eds.), *Ideologies of children’s rights* (pp. 167–187). Martinus Nijhoff.
- Minuchin, S. (1974). *Families and Family Therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1974). *Families and Family Therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. J. P. Delarge.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento*. Artes Médicas.
- Minuchin, S. Lee, W. e Simon, G. (2008). *Dominando a terapia familiar* (2ª Ed). Artmed
- Muhajir, M. (2022). Communication-based on local wisdom as a fortress of family resilience in the era of globalization: Experiences from Javanese speech culture. *Islamic Communication Journal*, 7 (1), 113-128. <https://doi.org/10.21580/icj.2022.7.1.8837>.
- Niemiec, M. (2013). VIA character strengths: Research and practice (the first 10 years). In H. H. Knoop & A. Delle Fave (Eds.), *Well-being and cultures: Perspectives from positive psychology, cross-cultural advancements in positive psychology* (pp. 11–29). Springer.
- Niemiec, R. M. (2019). Six functions of character strengths for thriving at times of adversity and opportunity: A theoretical perspective. *Applied Research in Quality of Life*, 15, 551-572.
- Niemiec, R. M., & McGrath, R. E. (2019). *The power of character strengths: Appreciate and ignite your positive personality*. VIA Institute on Character
- O’Hanrahan, K. (2015). A validation study of the SCORE-15 and SCORE-28 in an adult mental health context (Unpublished doctoral DPychSc thesis). UCD, Dublin, Ireland.

- O'Hanrahan, K., Daly White, M., Carr, A., Cahill, P., Keenleyside, M., Fitzhenry, M. et al. (2017). Validation of 28 and 15 item versions of the score family assessment questionnaire with adult mental health service users. *Journal of Family Therapy*, 39, 4–20. doi:10.1111/1467-6427.12107
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3<sup>a</sup> ed., pp. 514-548). New York: Guilford Press.
- Olson, D. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22 (2), 144-167.
- Olson, D. H. (1986). Circumplex Model VII: Validation studies and FACES III. *Family Process*, 25, 337–351. doi:10.1111/j.1545-5300.1986.00337.x
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Olson, D. H. (2008). FACES IV Manual. Minneapolis: Life Innovations
- Olson, H., Portner, J., & Bell, R. (1986). FACES I Manual. Minneapolis: *University of Minnesota and Life Innovations*.
- Park, N. (2004). Character strengths and positive youth development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 40-54. (a)
- Park, N. (2004). Character strengths and positive youth development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591(1), 40–54. doi:10.1177/0002716203260079
- Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 25-39. (b)
- Park, N., & Peterson, C. (2005). The Values in Action Inventory of Character Strengths for Youth. In K. A. Moore & L. H. Lippman (Eds.), *What do children need to flourish? Conceptualizing and measuring indicators of positive development* (pp. 13-23). Springer.

- Park, N., & Peterson, C. (2006). Character strengths and happiness among young children: Content analysis of parental descriptions. *Journal of Happiness Studies*, 7, 323-341. (a)
- Park, N., & Peterson, C. (2006). Methodological issues in positive psychology and the assessment of character strengths. In A. D. Ong & M. van Dulmen (Eds.), *Handbook of methods in positive psychology* (pp. 292-305). Oxford University Press. (b)
- Park, N., & Peterson, C. (2008). Positive psychology and character strengths: Application to strengths-based school counselling. *Professional School Counselling*, 12, 85–92. <https://doi.org/10.5330/PSC.n.2010-12.85>.
- Park, N., & Peterson, C. (2009). The cultivation of character strengths. In M. Ferrari & G. Potworowski (Eds.), *Teaching for wisdom* (pp. 57-75). Erlbaum.
- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2006). Character strengths in fifty-four nations and the fifty US states. *Journal of Positive Psychology*, 1, 118-129.
- Park, N., Peterson, C., & Sun, J. K. (2013). *La Psicología Positiva: Investigación y aplicaciones*. *Terapia Psicológica*, 31(1), 11-19. doi: 10.4067/S0718-48082013000100002
- Park, N., Peterson, C., and Seligman, M. E. P. (2004). Strengths of character and wellbeing. *J. Soc. Clin. Psychol.* 23, 603–619. doi: 10.1521/jscp.23.5.603.50748
- Peterson C. & Seligman, M., (2004). Character strengths and virtues: A classification and handbook. *Oxford University Press*
- Peterson, C., & Seligman, P. (2004). Character strengths and virtues: A handbook and classification. American Psychological Association
- Peterson, C., Park, N., & Seligman, P. (2006). Greater strengths of character and recovery from illness. *The Journal of Positive Psychology*, 1, 17–26. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/17439760500372739>
- Peterson, C., Park, N., Pole, N., D’Andrea, W., & Seligman, P. (2008). Strengths of character and posttraumatic growth. *Journal of Traumatic Stress*, 21, 214–217. doi: <http://dx.doi.org/10.1002/jts.20332>



- Raimundi, M. J., Molina, M. F., & Bugallo, L. (2015). ¿Cómo promueven desafíos los padres a sus hijos? Estudio cualitativo con adolescentes de la Ciudad de Buenos Aires. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 33(2), 249–266. doi:dx.doi.org/10.12804/apl33.02.2015.06
- Raimundi, M. J., Molina, M. F., Hernández-Mendo, A., & Schmidt, V. (2015). Adaptación Argentina del Inventario de Fortalezas en adolescentes (VIA-Youth): Propiedades psicométricas y alternativas para su factorización. Manuscript submitted for publication.
- Raimundi, M. J., Molina, M. F., Leibovich, N., & Schmidt, V. (2015). La comunicación entre padres e hijos: Su influencia sobre el disfrute y el flow adolescente. Manuscript submitted for publication.
- Raimundi, R., Molina, M., Schmidt, V., & Hernández-Mendo, A. (2019) Family functioning profiles and character strengths in young elite athletes from Argentina, *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17:1, 32-51, DOI: 10.1080/1612197X.2016.1189949
- Rashid, T., Anjum, A., Lennox, C., Quinlan, D., Niemiec, R. M., Mayerson, D., & Kazemi, F. (2013). Assessment of character strengths in children and adolescents. In C. Proctor, & P. A. Linley (Eds.), *Research, applications, and interventions for children and adolescents* (pp. 81-115). Dordrecht: Springer.
- Rashid, T., Anjum, A., Lennox, C., Quinlan, D., Niemiec, R., Mayerson, D., & Kazemi, F. (2013). Assessment of character strengths in children and adolescents. In C. Proctor & P. Linley (Eds.), *Research, applications, and interventions for children and adolescents* (pp. 81–115). Springer Netherlands. doi:10.1007/978-94-007-6398-2
- Rees, G., Goswami, H., Pople, L., Bradshaw, J., Keung, A., & Main, G. (2012). *The Good Childhood Report: A review of four children's well-being*. The Children's Society.
- Relvas, A. P. (1996). O ciclo vital da família. *Edições Afrontamento*.
- Relvas, A. P., Vilaca, M., Sotero, L., Cunha, D., & Portugal, A. (2010). Systemic Clinical Outcomes and Routine Evaluation: SCORE-15 [Portuguese translation] (Unpublished instrument). University of Coimbra, Coimbra, Portugal. Available at <http://www.aft.org.uk/view/15101224f1e.html>

- Ruch, W., Proyer, R. T., Harzer, C., Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. (2010). Values in action inventory of strengths (VIA-IS). *Journal of individual differences*, 31(3), 138-149. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00460.
- Samani, S. (2008). Developing a family process scale. *Journal of Psychiatry and Clinical Psychology*, 2: 162 - 168. Doi:10.1016/j.sbspro.2010.07.173.
- Samani, S. (2011). Family Process and Content Model: A Contextual Model for Family Studies. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 30: 2285 - 2292. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.10.446>.
- Scheier M. F., Carver C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implications to generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219-247. [Crossref](#). [PubMed](#).
- Scheier M. F., Carver C. S. (1992). Effects of optimism on psychological and physical well-being: The influence of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 16, 201-228.
- Schrodt, P. (2009). Family Strength and Satisfaction as Functions of Family Communication Environments, *Communication Quarterly*, 57:2, 171-18. ,doi: 10.1080/01463370902881650
- Segrin C., Taylor M. (2007). Positive interpersonal relationships mediate the association between social skills and psychological well-being. *Personality and Individual Differences*, 43, 637-646. [Crossref](#).
- Sek-yum Ngai, S. (2015). Parental bonding and character strengths among Chinese adolescents in Hong Kong. *International Journal of Adolescence and Youth*, April, 1–17. doi:10.1080/02673843.2015. 1007879
- Sek-yum Ngai, S. (2015). Parental bonding and character strengths among Chinese adolescents in Hong Kong. *International Journal of Adolescence and Youth*, April, 1–17. doi:10.1080/02673843.2015. 1007879
- Seligman, M. E., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology. An introduction. *The American Psychologist*, 55(1), 5–14. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>
- Seligman, M. E., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology. An introduction. *The American Psychologist*, 55(1), 5–14. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>

- Shek, D. T. L. (2002). Family functioning and psychological well-being, school adjustment, and problem behavior in Chinese adolescents with and without economic disadvantage. *Journal of Genetic Psychology*, 163 (4): 497-502. Doi: 10.1080/00221320 209598698.
- Shryack, J., Steger, M. F., Krueger, R. F., & Kallie, C. S. (2010). *The structure of virtue: An empirical investigation of the dimensionality of the virtues in action inventory of strengths*. *Personality and Individual Differences*, 48(6), 714-719. doi: 10.1016/j.paid.2010.01.007.
- Shryack, J., Steger, M. F., Krueger, R. F., & Kallie, C. S. (2010). The structure of virtue: An empirical investigation of the dimensionality of the virtues in action inventory of strengths. *Personality and Individual Differences*, 48(6), 714–719. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.01.007>
- Skinner, A., Steinhauer, D., & Santa-Barbara, J. (1983). The Family Assessment Measure. *Canadian Journal of Community Mental Health*, 2 (2): 91 - 103. Doi: <http://dx.doi.org/10.7870/cjcmh-1983-0018>
- Sprafkin, J. H., Liebert, R. M., & Poulos, R. W. (1975). Effects of a prosocial televised example on children's helping. *Journal of Experimental Child Psychology*, 20, 119-126.
- Steen, T., Kachorek, L., & Peterson, C. (2003). Character strengths among youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(1), 5–16. doi:10.1023/A:1021024205483
- Steger, M. F., Hicks, B., Kashdan, T. B., Krueger, R. F., & Bouchard, T. J., Jr. (2007). Genetic and environmental influences on the positive traits of the Values in Action classification, and biometric covariance with normal personality. *Journal of Research in Personality*, 41, 524-539.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic therapy and couple therapy. *Journal of family therapy*, 32:232-258. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1467-6427.2010.0507.x>.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure: The Score. *Journal of Family Therapy*, 32(3), 232-258

- Sulkers E., Fleer J., Brinksma A., Roodbol P. F., Kamps W. A., Tissing W. E., Sanderman R. (2013). Dispositional optimism in adolescents with cancer: Differential associations of optimism and pessimism with positive and negative aspects of well-being. *British Journal of Health Psychology*, 18, 474-489. [Crossref](#). [PubMed](#).
- Tehranchi, A., Neshat, T., Amiri, S., & Power, J. (2018). The role of character strengths in depression: A structural equation model. *Frontiers in Psychology*, 9, 1609. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01609>.
- Toner, E., Haslam, N., Robinson, J., & Williams, P. (2012). Character strengths and wellbeing in adolescence: Structure and correlates of the values in action inventory of strengths for children. *Personality and Individual Differences*, 52(5), 637–642. doi:10.1016/j.paid.2011.12.014
- Vela J. C., Lenz A. S., Sparrow G. S., Gonzalez S. L., Hinojosa K. (2015). Positive psychology and humanistic factors as predictors of Mexican American adolescents' vocational outcome expectations. *Journal of Professional Counseling: Theory, Research, and Practice*, 42, 16-28.
- Vela J. C., Lu M. T., Lenz A. S., Hinojosa K. (2015). Positive psychology and familial factors as predictors of Latina/o college students' psychological grit. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 37, 287-303. [Crossref](#)
- Weissberg, P., & Greenberg, T. (1997). School and community competence-enhancement and prevention programs. In W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology* (pp. 877-954). Wiley.
- Zahn-Waxler, C., J. Robinson, and R. Emde. 1992. The development of empathy in twins. *Development Psychology* 28:1038-47.
- Zhou, Y., Siu, Y., & Liu, X. P. (2013). What does not kill me makes me stronger: The relationship between depression history, character strengths and coping strategies. *Indian Journal of Health & Wellbeing*, 4, 1249–1254.
- Zwir, I., Arnedo, J., Del-Val, C., Pulkki-Råback, L., Konte, B., Yang, S. S., Romero-Zaliz, R., Hintsanen, M., Cloninger, K. M., Garcia, D., Svrakic, D. M., Rozsa, S., Martinez, M., Lyytikäinen, L. P., Giegling, I., Kähönen, M., HernandezCuervo, H., Seppälä, I., Raitoharju, E., Cloninger, K. M., . . . Cloninger, C. R. (2020a). *Uncovering the*

*complex genetics of human character*. *Molecular Psychiatry*, 25(10), 2295–2312.  
<https://doi.org/10.1038/s41380-018-0263-6>